

A polifonia do Círculo / *The Polyphony of the Circle*

Iúri Pávlovitch Medviédev*
Dária Aleksándrovna Medviédeva**
David Shepherd***

RESUMO

O autor focaliza materiais de arquivo recentemente descobertos e traça a gênese da polifonia (definida como “múltiplas vozes”) e seu desenvolvimento nos trabalhos dos membros do Círculo de Bakhtin. Polifonia é um conceito fundamental elaborado colaborativamente pelos membros do Círculo, especialmente na relação dialógica entre Bakhtin e Medviédev. Os membros do Círculo dividem um campo comum no desenvolvimento de suas ideias, enquanto simultaneamente aderem a diferentes orientações ideológicas e estilos. O modo de discussão intelectual e interação pessoal praticados por Bakhtin e seus amigos pode ser descrito como polifônico. O conceito de polifonia se desenvolveu para além do extenso diálogo entre Bakhtin e Medviédev. A coincidência entre pensamentos pode ser vista após um exame cuidadoso de suas primeiras publicações. Este artigo examina também documentos relacionados à autoria dos “textos disputados” não publicados até o momento. Os autores concluem que não há mais nenhuma base para atribuir esses textos a Bakhtin. O apêndice contém traduções de três artigos publicados por Medviédev em 1911 e 1912.

PALAVRAS-CHAVE: Polifonia; Diálogo; Textos disputados

ABSTRACT

The author focuses on newly discovered archival materials and traces the genesis of polyphony (defined as “many-voicedness”) and its development in the works of the members of the Bakhtin Circle. Polyphony is a foundational concept elaborated by members of the Circle through collaboration, especially in the dialogical relationship between Bakhtin and Medvedev. The members of the Circle shared common ground in the development of their ideas, while simultaneously adhering to differing ideological orientations and styles. The mode of intellectual discussion and personal interaction practised by Bakhtin and his friends can best be described as polyphonical. The concept of polyphony grew out of the lengthy dialogue between Bakhtin and Medvedev. The coincidence of their thinking can be seen by carefully examining their earliest publications. This article also examines hitherto unpublished documents relating to the authorship of the “disputed texts.” The authors conclude that there is no longer any basis for attributing these texts to Bakhtin. An appendix to the article contains translations of three articles published by Medvedev in 1911 and 1912.

KEYWORDS: Polyphony; Dialogue; Disputed Texts

* Filólogo, historiador da cultura e crítico russo. Falecido recentemente (11/10/2013). Cf. *Bakhtiniana*, vol. 8, n.2 <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/17376/12944>.

** Academia de Ciências da Rússia – RAN, Moscou, Rússia; Medviédev@dm8920.spb.edu.

*** Keele University, Staffordshire, Reino Unido; d.g.shepherd@keele.ac.uk.

Alguém poderia imaginar que os estudos bakhtinianos já exploraram os conceitos de “polifonia” e “diálogo” exhaustivamente. Considere, por exemplo, o minucioso artigo sobre polifonia no *Bakhtin Thesaurus (Bakhtinskii tezaurus)*, publicado em Moscou com a ajuda da Universidade Laval, onde as definições eruditas e filosóficas são, completa e legitimamente, comparadas com a polifonia musical (MAGOMEDOVA, 1997).

Existe, entretanto, uma polifonia que deve ser observada e examinada antes de qualquer outra: a polifonia na própria psicologia da criatividade de Bakhtin, que aponta para a real necessidade de um “Círculo” que tornasse possível que essas capacidades e clareza criativa se realizassem. Temos familiaridade com o que ele mesmo disse: “em tudo ouço vozes e relações dialógicas entre elas”, Bakhtin escreveu no trabalho que conhecemos como Metodologia das ciências humanas (2003 [1979], p.409-410; grifo do autor)¹. Ao lado da qualidade dialógica do pensamento bakhtiniano no âmbito pessoal, ele foi acompanhado, ao longo de sua vida, por uma diversidade de comunidades literárias e filosóficas que, em conjunto são socialmente relevantes para a sua própria avaliação: o círculo *Omphalos* de sua juventude, o círculo de Nevel e, finalmente, o “Círculo de Bakhtin” em Vítebsk e Petrogrado-Leningrado, tempo em que se tornou um Círculo com “C” maiúsculo, porque a “polifonia” (a despeito do caráter metafórico dessa categoria para Bakhtin) era aqui não um mero “acontecimento”, mas encontrou seu “corpo”, sua encarnação em trabalhos erudito-filosóficos marcantes da época.

“Ao meu redor havia um círculo que era chamado de ‘o Círculo de Bakhtin’”, disse Bakhtin a seu entrevistador, Duvakin, em 1973. No curso da mesma conversa, falando de outro círculo, o dos simbolistas russos, Bakhtin desenvolveu sua ideia dando-lhe um sentido filosófico:

Eram da mesma turma, no sentido completo da palavra. Estavam na mesma galera. [...] Ou melhor, talvez, deveria existir polifonicidade – e existia. E é justamente em virtude disso que, nas fronteiras, podiam se

¹ Sabe-se, atualmente, que esse “trabalho final” de Bakhtin foi, na verdade, uma construção artificial. Ver Shepherd, 2006, p.35.

N.T. A referência da obra em português: BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.393-410.

desenvolver talentos muito diferentes e visões de mundo muito diferentes (2008, p.144, p.93)².

Não é surpreendente que, ainda que *O método formal, Marxismo e filosofia da linguagem*, e *Problemas da obra de Dostoiévski* compartilhem uma concepção comum e profundamente enraizada, os seus autores tenham tido diferentes pontos de vista e estilos. O que isso nos diz é que o estímulo para a doutrina dialógica de Bakhtin provém não somente do trabalho sobre Dostoiévski, como escreveu Sergei Aviérintsiev, mas também das “múltiplas vozes” de seu próprio Círculo (VAISL’EV, 1995; MEDVIÉDEVA; MEDVIÉDEV, 2002). Na nossa visão, esta é o enfoque sob o qual os estudos do Círculo de Bakhtin devem ser abordados. O próprio Bakhtin disse que o Círculo nasceu primeiramente em Vítebsk (2008, p.144)³.

É no período de Vítebsk, início de sua carreira acadêmica, que Bakhtin deu a primeira avaliação conhecida dos encontros do Círculo: “A voz pode cantar somente *num clima cálido*, num clima de possível apoio do coro, de uma *não-solidão sonora* de princípio (2003 [1924], p.156; grifo do autor)⁴. Aqui, assim como ele disse no final de sua vida, encontram-se as origens da polifonia filosófica e estética que deve ser amplamente explorada antes de o repertório terminológico bakhtiniano ou “thesaurus” ser considerado adequadamente investigado. Uma parte essencial dessas origens é o nível religioso examinado por Ivan Esaulov no seu artigo (1997) sobre Polifonia e *sobornost*, relacionando Bakhtin e o poeta e teórico simbolista Viacheslav Ivanov, assim como o importante trabalho do teórico da literatura de Tomsk, A. A. Kazakov em Polifonia como um conceito vivo (1998)⁵.

Há atualmente inúmeros artigos que identificam uma contradição entre “polifonia” e “diálogo”, mas as “múltiplas vozes” da obra do Círculo facilitam a percepção de sua

² N.T. . A referência da obra em português: BAKHTIN, M.; DUVAKIN, V. M. *Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. Trad. de Daniela Miotello Montardo. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2008.

³ Para referência, ver nota de rodapé 2.

⁴ BAKHTIN, M. M. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.3-194.

⁵ Para uma breve discussão sobre as implicações da *sobornos*´ (comunidade espiritual), ver Kelly e Volkov, 1998.

unidade e caráter não contraditório. Sua polifonia filosófica não poder ser compreendida propriamente sem esse “acontecimento” na vida e obra de Bakhtin. Do mesmo modo, a obra do poeta simbolista russo Aleksander Blok, completamente autobiográfica – como reconhece o próprio poeta quando descreve sua obra como um diário – pode não ser compreendida completamente se isolada da vida e da psicologia de seu criador.

Mas se o (manifestamente monológico) exemplo de obra de um poeta lírico não é suficiente para os nossos propósitos, então nos deixem ouvir outras “vozes”, por exemplo a de Nietzsche, que interessa bastante a Bakhtin: *O nascimento da tragédia* de Nietzsche foi especialmente importante em conexão com a polifonia de Bakhtin. Como escreveu Pavel Medviédev na revista de Petrogrado *Protiv techeniia* [*Contracorrente*], a “autobiografia” de Nietzsche (*Ecce Homo*) é o prolegômeno de sua filosofia: “Aqui neste momento Nietzsche levou em consideração seus ouvintes e, descendo do topo da montanha onde Zarathustra havia pregado, explicou-lhes seu fardo e sua significação simbólica” (NIETZSCHE, 1911, p.4)⁶.

Isso é confirmado por Friedrich Seifert, que escreveu: “[Nietzsche] se identifica com Zarathustra, de quem incorpora a consciência que violou os limites da possibilidade humana. Esta identificação produziu uma fusão surpreendente entre o destino pessoal de Nietzsche e sua concepção filosófica particular” (1954, p.875)⁷.

Bakhtin fez uma palestra sobre a filosofia de Nietzsche em Vítebsk (BRANDIST, SHEPHERD; TIHANOV, 2004, p.259; MEDVIÉDEV; MEDVIÉDEVA, 2008, p.198).

O “Renascimento de Vítebsk”, como é referido costumeiramente esse período da história da cultura russa, foi um período em que o Círculo desempenhou um papel importante. A atmosfera criativa da cidade era densa, com uma notável variedade de problemas e princípios de criatividade - ambos coletivos, como em *Os Campeões da Nova Arte* (UNOVIS [*Utverditeli novogo iskusstva*]) e a escola de Kazemir Malevich, e individualmente, como em Marc Chagall. Havia palestras dos seguintes temas: O direito à

⁶ No texto em inglês: “Here and only here does Nietzsche take his listeners into account and, descending from the mountain heights where Zarathustra had preached, explain to them its burden and symbolic significance”.

⁷ No texto em inglês: “[Nietzsche] identified himself with Zarathustra, who embodied consciousness that had breached the bounds of human possibility. This identification produced an astonishing fusion between Nietzsche’s personal destiny and his particular philosophical conception”.

solidão (por Chagall, em dezembro de 1918), Criações coletivas (UNOVIS, 6 abril de 1920), e *O ego e o coletivo* (por Malevich, em 03 de maio de 1920). A ideia da “razão coletiva” foi fundadora não apenas para os futuros formalistas Victor Chklóvski, Iuri Tinianov, e Roman Jakobson, mas sem dúvida para a polifonia do Círculo de Bakhtin: “Nós trabalhamos em um contato criativo muito próximo”⁸, Bakhtin diria mais tarde (1992 [1961], p.145), ainda que aqueles que afirmam ser Bakhtin o autor dos “textos disputados” tenham infelizmente deixado de prestar atenção à sua opinião.

A noção do Círculo de Bakhtin como um diálogo de consciências soberanas ganhou valor enquanto Bakhtin ainda vivia. Usualmente, ela é aplicada àqueles que estavam envolvidos na elaboração do que Bakhtin chamou de “concepção de linguagem e produção discursiva *compartilhada*” (1992 [1961], p.145; grifo do autor)⁹, apontando os trabalhos de Medviédev, Volochínov e Bakhtin, que, em suas palavras, manteve-se fiel a seus princípios fundamentais. Essa noção foi introduzida nos estudos bakhtinianos na Rússia pelo acadêmico Sergei Aviérintsiev, o único teórico da literatura da nova geração com quem Bakhtin entrou (no seu chamado “último trabalho”) em um diálogo de concordância. Este não foi um acontecimento fortuito, mas a evidência de como os pontos de vista espirituais e acadêmicos desses dois homens próximos eram precisamente comparáveis. É por isso que a avaliação de Aviérintsiev sobre o Círculo tem grande significação e autoridade. Por exemplo, as asserções da assim chamada Escola de filosofia de Nevel, com a qual apoiadores do cânone de Bakhtin procuram preencher a lacuna que se formou em torno de Bakhtin após a real extinção do Círculo, tornam-se irrelevantes, uma vez que subscrevem a opinião de que Bakhtin foi o único autor dos textos disputados. Aviérintsiev, ao contrário, considera que mesmo o *Obras reunidas* que estão atualmente sendo publicadas na Rússia deveriam trazer “o título geral *Bakhtin e seu Círculo*”, ou os trabalhos de Medviédev e Volochínov deveriam ser publicados separadamente em Apêndice à edição de vários tomos de Bakhtin (AVERINTSEV, 1988, p.259)¹⁰.

⁸ No texto em inglês: “We worked in the very closest creative contact”.

⁹ No texto em inglês: “shared conception of language and discursive production”.

¹⁰ No texto em inglês: “the overall title Bakhtin and his Circle”.

Em resposta à questão direta sobre sua contribuição enquanto autor das obras do Círculo, Bakhtin disse para Vadim Kozhinov (referindo-se aos três livros mais importantes do Círculo dos anos 1920): “Eu devo ressaltar, especialmente, que a presença de um contato criativo e de um trabalho colaborativo não diminui a autonomia e originalidade de nenhum desses livros” (1992 [1961], p.145)¹¹.

Tentar uma definição, ainda que parcial e provisória (tendo em vista o caráter extremamente fragmentário do material de arquivo disponível) do potencial acadêmico e de ideias dos membros do Círculo, a sua contribuição para o “acontecimento” da polifonia, o “corpo” de sua categoria metafórica, ainda que inteiramente social e criativa, para o seu diálogo fundador, é um intrigante e importante desafio nos estudos bakhtinianos. Mas este desafio pode ser enfrentado com sucesso “somente no espelho da solidariedade absoluta”, não apenas para o homem que escreveu estas palavras, Bakhtin, mas para cada membro do Círculo. Mas essa “solidariedade” em relação aos espíritos afins de Bakhtin e coautores ainda está em falta atualmente, mesmo tendo em vista que todo o extenso arquivo de Medviédev tenha sido confiscado e destruído pela NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos Internos)¹² e que ninguém tenha se preocupado seriamente com a preservação do arquivo de Volochínov após sua morte de tuberculose em 1936. Assim sendo, voltemo-nos para o registro publicado.

Sobre a justificativa teórica do neoimpressionismo [*Toward a Theoretical Grounding of Neo-Impressionism*], um artigo de Medviédev publicado em 1912, mas desconhecido até agora, resenha um livro de Paul Signac. Ele nos leva ao encontro do nosso desafio ao destruir o equívoco persistente de que a aproximação crítica do Círculo aos fundamentos da “estética material” pertence originalmente a Bakhtin. A prova adicional deste equívoco é o artigo de Bakhtin O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária, escrito em 1924 (mas publicado pela primeira vez somente em 1975), o qual, como seus comentadores não se cansam de apontar, ocupa-se de “questões de

¹¹ No texto em inglês: “I must especially note that the presence of creative contact and collaborative work does not diminish the autonomy or originality of any of these books”.

¹² Ver Blum, 2003, p.288, 290, 310.

metodologia da estética da criação verbal” (NIKOLAEV, 2003, p.707 e *passim*)¹³. Mas em respeito à sua premissa metodológica, o artigo de Bakhtin coincide com o artigo de 1912 de Medviédev, no qual ele escreveu:

A forma tem uma importância grande, é claro, e, sem dúvida nenhuma, o artista é obrigado a conhecer as leis de seu material. Mas tudo isso, como a doutrina da poética científica de René Guille e Valerii Briusov [o simbolista russo], constitui, por assim dizer, o *nível mais baixo* da magia criativa. Acima e abaixo [...] há o turbilhão de o indivíduo alçando voo, de um embriagado alcançando o céu, com o qual *qualquer arte grande e verdadeira é abençoada* (1912A, p.15; grifo nosso)¹⁴.

Em 1924, Bakhtin também escreveu que

A estética material não se dá conta, com a suficiente clareza metódica, do seu *caráter segundo* e não realiza até o fim a *estetização* preliminar do seu objeto; por isso ela nunca trata o objeto estético na sua pureza absoluta e é, por princípio, incapaz de compreender a sua singularidade. De acordo com a sua premissa básica, ela não pode ir além da obra enquanto material organizado. (1993 [1924], p.22-23; grifo nosso)¹⁵.

Devemos notar, de passagem, referências aos trabalhos de teóricos da literatura do Oeste Europeu (em especial franceses) em vários aspectos, comparações da problemática da arte pictórica e verbal, a natureza da avaliação da contribuição feita pelos teóricos da arte ocidentais para a teoria da criatividade e, em seu tom próprio, o artigo citado de Medviédev antecipa *O método formal*. Isto é muito natural: temas e ideias dominantes retornam durante a vida e obra de seus autores. Mais tarde, as formulações metafóricas e religiosas de seu artigo de 1912 conduz Medviédev a formulações estéticas – como é claro,

¹³ No texto em inglês: “questions of methodology of the aesthetics of verbal creation”.

¹⁴ Este e outros trabalhos de Medviédev em 1912 são as primeiras publicações do Círculo de Bakhtin elencadas em Adlam e Shepherd, 2000, p.3, itens 1-5. No texto em inglês: “The significance of form is, of course, great and, without any doubt, the artist is obliged to know the laws of his material. But all this, like René Guille and [the Russian Symbolist] Valerii Briusov’s doctrine of scientific poetry, constitutes, as it were, the lowest level of creative sorcery. Higher and above [...] there is the whirlwind of [the] individual taking flight, of [an] intoxicated reaching for the sky, with which any great and true art is blessed”.

¹⁵ N.T. . A referência da obra em português é: BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1993, p.13-70.

por exemplo, no (agora publicado) resumo de suas palestras em Vítebsk em 1919-20 (MEDVIÉDEV, 2005 [1919-1920]; MEDVIÉDEV, MEDVIÉDEVA, 2006, p.197-198), no qual ele lida com o “objeto estético”, ou em seu artigo O salierismo científico (1924), que antecipa *O método formal* (1985 [1928]). Neste, Medviédev expressa uma ideia que ecoa seu artigo de 1912: “tal é a base teórica do método formal. Não é difícil reconhecer aqui as posições fundamentais da estética material que é bastante difundida nos estudos modernos de arte na Europa” (MEDVIÉDEV, 1983 [1925], p.53)¹⁶.

Essa mudança de normas, vivenciada pessoalmente por Medviédev e apontada explicitamente no artigo de janeiro de 1917 (republicado em 2003) sobre O sentido da criatividade [Meaning of Creativity] de Berdiaev (1917b; 2003), não poderia deixar Bakhtin indiferente, sensível que ele era à voz do seu interlocutor – e Medviédev foi, como disse Bakhtin, “um dos meus amigos mais íntimos daquele período” (2008, p.195)¹⁷.

Na seção Poesia e Prosa da série de palestras de seu curso em Vítebsk, encontramos a noção de “polo da palavra”. As teses de Medviédev em “estética material” no seu artigo sobre Signac, assim como sua mudança da abordagem religiosa para os conceitos estéticos nos seus primeiros trabalhos, são, falando figurativamente, um dos “polos” da “palavra bivocal” bakhtiniana que, como aponta Liudmila Googtishvili, forma a base linguística da polifonia de Bakhtin (2004). A hipótese é bastante produtiva à luz do contato dialógico entre Medviédev e Bakhtin. Isso torna claro porque *Para uma filosofia do ato responsável* foi escrita em Vítebsk e não em Nevel, e porque Medviédev, que tinha ele mesmo realizado a substituição das categorias religiosas para as categorias estéticas, expressava ativamente apoio ao trabalho de Bakhtin no jornal *Iskusstvo* [Arte], que ele, Medviédev, havia criado. A expressão de apoio vem em uma notícia que constitui a única evidência sobre onde e quando *Para uma filosofia do ato responsável* foi escrita (MEDVIÉDEV, 1921a). Finalmente, há a natureza do problema em si: neste momento, não era apenas a estética – no período pós-simbolista, por exemplo, aspectos religiosos da teoria do monodrama também tinham sido estetizados (EVREINOV, 1909) – mas agora a nova era, ela mesma,

¹⁶ No texto em inglês: “such is the theoretical basis of the Formal method. It is not difficult to recognise here the fundamental positions of the material aesthetics that is fairly widespread in modern European art studies”.

¹⁷ Para referência, ver nota de rodapé 2.

demandava uma aproximação nova, e nova expressão em signos (*znakovoe oformlenie*). Nesse sentido, a posição de Bakhtin, que havia coincidido com a de Medviédev sobre “estética material”, parece coincidir novamente. Mas, nesse período, a consonância é com a posição ideológica de Medviédev, que se inclina para o materialismo filosófico. Falando no início de 1929 ao seu interrogador, a quem tratava com uma confiança que é difícil de explicar¹⁸, Bakhtin colocou o problema da seguinte maneira:

Minhas palestras e as dos meus amigos foi uma expressão de uma busca e inquietação intelectuais produzidas pela necessidade de desenvolver uma perspectiva materialista que era nova para nós, e que era compatível com a realidade social das expectativas e da visão de mundo materialista. Para nós, indivíduos intelectualmente maduros e dotados de um variado e significativo conhecimento teórico, o processo de fazer isso não poderia ser de passividade e de assimilação fácil dos elementos de uma nova visão de mundo pronta, mas inevitavelmente tomou o caráter de uma difícil e desafiadora reavaliação e verificação de uma mudança de todos os nossos conhecimentos e convicções (Material de arquivo, 1929)¹⁹.

Este testemunho recapitula clara e precisamente se não apenas a evolução do próprio Bakhtin, ao menos a do Círculo ao qual ele pertencia neste período.

Outra descoberta recente sobre Medviédev é um breve artigo bibliográfico de 1911, que trata de duas novas traduções publicadas em Moscou naquele ano: a “autobiografia” de Nietzsche mencionada anteriormente, e *O método na história literária* [*Method in Literary History*], de Gustave Lanson, traduzida por Mikhail Gershenzon. Nele, Medviédev escreveu:

A história da literatura como ciência ou ao menos enquanto uma ‘quase-ciência’, com as fronteiras precisas de seus temas e seu método próprio, é

¹⁸ Foi o seu interrogador, Stromin, que propôs que Bakhtin fosse sentenciado a três anos nos campos de trabalho para reabilitação, mas atribuindo sentenças menores para outros membros do grupo Ressurreição (Voksfresenie). Ver Iu. Medviédev, 1999.

¹⁹ No texto em inglês: “My lecturing work and that of my friends was an expression of a certain intellectual searching and intellectual unease produced by the necessity of developing a materialist worldview that was new for us and that was compatible with the social reality of anxieties and a materialist worldview. For us, as individuals who were intellectually mature and in possession of significant and varied theoretical knowledge, the process of doing so could not be one of passive and easy assimilation of elements of a ready-made worldview, but inevitably took on the character of a difficult, challenging re-evaluation and verification of all our knowledge and convictions”.

algo que começou a ser levado em consideração somente recentemente graças à influência dos trabalhos da escola de Potebnia e de Veselovski (1911, p.4)²⁰.

Foi no limiar dos trabalhos dos membros do Círculo de Bakhtin, e certamente dos formalistas, famosos pelo seu compromisso com a “especificação”, que o estudante de direito de 19 anos, Pavel Medviédev, em 1911, tratou da necessidade de uma ciência literária para estabelecer “as fronteiras precisas dos temas e seu método próprio”²¹. E Medviédev, respondendo ao questionário do Instituto para História das Artes em 1924, afirmou que suas “ideias muitas vezes ressoavam aquelas de Aleksander Veselovskii, Oskar Walzel (o crítico literário conservador do século dezenove), Apollon Grigoriev, Gustave Lanson e Viktor Zhirmunski” (1924)²². No resumo da palestra do curso de Medviédev em Vítebsk, essas “fronteiras temáticas” já tinham assumido um claro destaque (“artista como criador”, “objeto estético”, “contra-agentes de criatividade”) (MEDVIÉDEV; MEDVIÉDEVA, 2006, p.198), enquanto seu manuscrito *Premissas metodológicas para a História da Literatura [Methodological Premises for Literary History]*, escrito no mesmo período (HIRSCHKOP, 1999, p.146), oferece um esboço preliminar, mas lógico, de um estágio particular da construção do que Bakhtin chamou de teoria da criação verbal “*compartilhada*” sobre a qual o Círculo havia iniciado os trabalhos.

Esses fatos nos dão toda a razão para sugerir, com não menos certeza do que Gogotishvili em seus brilhantes argumentos filosóficos e linguísticos, que o filósofo Bakhtin se voltou para o estudo da teoria da literatura em Vítebsk após interagir “em uma atmosfera agradável”, não sem um “grupo de apoio”, com o crítico e estudioso da literatura Pavel Medviédev. Isso está claro nas cartas de Bakhtin para Kagan no início de 1921, depois de se acomodar em Vítebsk: “Ultimamente, venho trabalhando quase que

²⁰ No texto em inglês: “Literary history as a science or at least as a ‘science-like’ discipline, with precise subject boundaries and its own method, is something that has begun to be talked about only in the last few years under the influence of works from the Potebnia and Veselovskii school”.

²¹ De passagem, vale a pena notar que na enciclopédia de termos literários publicada em Moscou em 2003, o autor do verbete “método” identifica a noção de “método nos estudos literários” como, primeiramente, uma contribuição soviética à poética, não fazendo menção ao trabalho de Lanson, o qual também não aparece na sua bibliografia. Ver Skvoznikov, 2003. No texto em inglês: “precise subject boundaries and its own method”.

²² No texto em inglês: “ideas most often resonated with those of Aleksandr Veselovskii, Oskar Walzel (the nineteenth-century conservative literary critic), Apollon Grigor'ev, Gustave Lanson and Viktor Zhirmunskii”.

exclusivamente na estética da criação verbal” (20 fev. 1921)²³; “Eu estou trabalhando muito, especialmente em estética e psicologia” (março de 1921)²⁴; “atualmente, estou escrevendo um estudo sobre Dostoiévski que espero terminar em breve; no momento, coloquei o ‘tema da moralidade e o tema do direito’ de lado...”²⁵ (18 jan. 1922) (KAGAN, 1992, p.66, 68, 72).

Estes são novos temas e problemas que não foram discutidos em Nevel. Ainda em setembro de 1919, quando, a convite de Medviédev, Bakhtin, Kagan e Pumpianskii juntos produziram trabalhos filosóficos sob o título O papel da personalidade [The role of the personality] na Universidade Proletária e no Conservatório do Povo, Medviédev havia feito sua palestra sobre A personalidade em Herzen [Herzen’s personality] no dia anterior (SHATSKIKH, 2001, p.236). Desde o princípio, o discurso filosófico das apresentações nevelianas se voltou contra o discurso estético e a crítica literária de Medviédev. Quase um ano antes do aparecimento do número do almanaque de Nevel *Den’ iskusstva (Dia da arte)*, contendo os artigos de Bakhtin (Arte e responsabilidade, traduzido também por Arte e responsabilidade) e de Kagan sobre as relações entre a vida e a arte, Medviédev, em novembro de 1918, dedicou uma apresentação ao mesmo tema e com esse foco dual característico, Turguêniév como indivíduo e como escritor (SHATSKIKH, 2001, p.229)²⁶
27.

Seus constantes encontros e conversas significaram que o contexto de Medviédev se tornou cada vez mais presente no trabalho de Bakhtin e Volochínov, tomando forma em um trabalho prático sobre teoria literária, assim como aconteceu com o contexto filosófico no próprio trabalho de Medviédev. Em 1921, Medviédev deu para “o filósofo de Marburgo”, Kagan, uma fotografia sua (ainda preservada no arquivo da família Kagan) com a inscrição

²³ No texto em inglês: “Lately I have been working almost exclusively on the aesthetics of verbal creation”.

²⁴ No texto em inglês: “I am working a great deal, especially on aesthetics and on psychology”.

²⁵ No texto em inglês: “at present I am writing a study of Dostoevsky that I hope to finish soon; for the moment I have put ‘the subject of morality and the subject of law’ to one side...”

²⁶ A propósito, uma das mais importantes conclusões teóricas de *O método formal* é atingida com referência a exemplos de Turguêniev. Ver Medviédev (2012, p.65-67). Vale a pena ressaltar que Arte e responsabilidade (Iskusstvo I otvetstvennost’) foi traduzida para o francês pela primeira vez por Patrick Sériot (BAKHTINE, 2008).

²⁷ N.T. . A referência da obra em português: BAKHTIN, M. M. Arte e responsabilidade. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.XXXIII-XXXIV.

“Para o querido amigo e professor”. Este período foi um convite para Bakhtin e Volochínov se engajarem em um diálogo com os principais temas da teoria literária. E a pessoa que fez o convite foi o fundador de premissas metodológicas e fundamentos teóricos inúmeros acerca da concepção *compartilhada* da criação verbal; por isso não foi à toa que, em suas conversas com Duvakin, Bakhtin se refira a Medviédev como um “teórico da literatura” (2008, p.144, nota 52)²⁸. A biografia de Bakhtin de Clark e Holquist descreve as relações entre os dois em termos de “patrocínio” de Medviédev (1998, p.76)²⁹ em relação a Bakhtin, mas omite a estética filosófica, o aspecto “polifônico” das relações entre eles.

Em um trabalho inovador sobre o Teatro Itinerante de Pavel Gaidebúrov e Nadezhda Skárskaia e seu periódico, *Zapiski Peredvizhnogo teatra*³⁰, Valerii Tiupá, que trabalhou na estética histórica de Bakhtin, identifica, na revista, um importante contexto para o pensamento de Bakhtin: “A atmosfera intelectual na qual o pensamento de Bakhtin amadureceu era saturada de ideias sobre a estética da ‘criação da vida’ [zhiznetvorchestvo]”³¹. Em geral, assim como “as imagens de Rabelais estão perfeitamente posicionadas dentro da evolução milenar da cultura popular” (BAKHTIN, 1993 [1965], p.3; grifo do autor)³², muitos dos “problemas, ideias, conceitos e termos do próprio Bakhtin”, e mesmo seus usos (arquitetônica, tarefas artísticas, objeto estético, e atividade exterior, o corpo do povo do Renascimento, a incompatibilidade da poética de Dostoiévski com as ideias estéticas estabelecidas, a tipologia dos métodos narrativos como máscaras discursivas de um autor permanentemente “vestido em silêncio”, e assim por diante) “estão ‘à vontade’ nas páginas do *Zapiski Peredvizhnogo teatra*” (TIUPA, 1992, p.37–38)^{33 34}.

²⁸ Para referência, ver nota de rodapé 2.

²⁹ N.T. A referência da obra em português: CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

³⁰ Tiupa (1997, p.189, 191) ressalta que o periódico foi mantido nos seus últimos anos por Medviédev até ser fechado pelos censores em 1924. Este importante trabalho contém várias imprecisões sobre a biografia criativa de Medviédev, visto que, quando foi escrito, seu autor não tinha conhecimento de relevantes informações em toda a sua extensão.

³¹ No texto em inglês: “The intellectual atmosphere in which Bakhtin’s thought matured was saturated with ideas about aesthetic ‘life-creation’ [zhiznetvorchestvo]”.

³² N.T. A referência da obra em português: BAKHTIN, M.M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Fraeschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UNB, 1993.

³³ Para maiores informações sobre o Teatro Itinerante, ver Medviédev e Medviédeva, 2004, p.40-42.

³⁴ No texto em inglês: “Bakhtin’s own problems, ideas, concepts and terms [...] are ‘at home’ on the pages of

Devemos ressaltar que esses e muitos outros usos de aparência “puramente bakhtiniana”, um pouco como o “nada é dado, mas criado” de Cohen, podem ser encontrados em textos de Medviédev escritos entre 1911 e 1917, muitos anos antes de ele conhecer Bakhtin³⁵.

A crítica sistemática da “estética material” empreendida por Medviédev, antes mesmo de as Coletâneas dos trabalhos do OPOIaZ, grupo de formalistas de Petersburgo, começarem a aparecer, e a elaboração do conceito de signo, muito antes de a semiótica russa³⁶ trazê-lo à cena³⁷, continuaram: em suas palestras na Casa de Púchkin (Pushkinskii Dom), no Instituto Herzen, no Instituto de História Comparada das Literaturas e das Línguas do Ocidente e do Oriente (*Nauchno-issledovatel'skii institut sravnitel'noi istorii literatur i iazykov Zapada i Vostoka*, ILIAZV) e, mais tarde, no Instituto de Filosofia, Literatura e História de Leningrado (*Leningradskii institut filosofii, literatury i istorii*, LIFLI), na Universidade e Academia para o Estudo das Artes (*Akademiia iskusstvoznaniia*) - onde ele lecionou em um curso de pós-graduação, e na seção de Crítica literária do União dos Escritores da Rússia (*Vserossiiskii Soiuz pisatelei*) - onde foi eleito para uma cadeira no final dos anos 1920, e que foi dissolvida após seguidos ataques arranjados na imprensa (ver L. V., 1931)³⁸.

Agnia Vasil'evna Desnitskaia, uma importante filóloga e membro da Academia de Ciências que foi aluna de Medviédev, recorda os seus seminários e palestras com grande interesse. É inteiramente lógico que o trabalho mais importante e profundo de Medviédev, *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica³⁹, tenha sido

the *Zapiski Peredvizhnogo teatra*”.

³⁵ Ver Iu. P. Medviédev, 2000.

³⁶ Seria irresponsável não notar o caráter acadêmico da informação bibliográfica na seção Literatura de *Essays in the History of Semiotics in the USSR [Ensaio na história da semiótica na União Soviética]* (*Ocherki po istorii semiotiki v SSSR*), obra publicada publicado online em 2006 (com a indicação de que as referências devem ser feitas ao original eletrônico). Ivanov faz referência às publicações originais dos trabalhos de Volochínov e ao livro de Medviédev (assim como a uma carta de Boris Pasternak para Medviédev), o que distancia o livro de outros, que dão informações bibliográficas distorcidas. Ver IVANOV, 1996.

³⁷ A chamada persistente de Medviédev para um estudo da realidade do signo na vida e no trabalho do artista pode ser encontrada no seu artigo de 1917 sobre Púchkin (1917a).

³⁸ O autor, identificado apenas pelas iniciais, escreveu: “Medviédev nem mesmo considera a necessidade de fornecer uma análise crítica das recentes contribuições errôneas para os últimos encontros da seção... ‘Eu não tinha a intenção’, disse ele, ‘de continuar a semana de arrependimento(!)’”. No texto em inglês: “Medviédev did not even consider it necessary to provide a critical analysis of the latest erroneous contributions to the section’s latest meetings... ‘I have no intention,’ he said, ‘of continuing the week of repentance (!)’”.

³⁹ N.T. A referência da obra em português: MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

uma expressão orgânica e desenvolvida das posições e princípios teóricos que tinham fascinado o crítico literário de 19 anos em 1911, ainda iniciante em sua carreira. Uma evidência maior desse aspecto é dada pelas notas detalhadas - do próprio punho de Medviédev, em dois trabalhos escritos em 1915 e 1917 por V. Chudovskii, um crítico talentoso do jornal simbolista *Apolo* (*Apollo*), onde o interesse de Medviédev está carregado de ideias próximas às suas (ver Iu. P. MEDVIÉDEV, 1996, p.68-70).

O período de Petrogrado do Círculo de Bakhtin foi marcado por um contato estreito com o ILIAZV, onde a maioria e os mais importantes filólogos e teóricos da literatura de Petrogrado-Leningrado trabalhavam praticamente simultaneamente, seja em postos estabelecidos ou em bases externas e esporádicas. No ILIAZV, Medviédev realizou uma série de seminários em teoria e metodologia da literatura, devido à emergência da poética sociológica como um dos programas conduzidos pelo Instituto; Medviédev, pesquisador externo de primeiro grau, juntamente com V. F. Shishmarev, um membro assalariado do Instituto, foi designado pelo seu colegiado para organizar e liderar uma Seção de Poética Sociológica que incluía Ieremei Ioffe⁴⁰, M. A. Iakovlev, V. N. Volochínov, e um número de outros pesquisadores do Instituto (arquivo material sem data).

Em setembro de 1928, em carta datada de abril de 1928, o colegiado recomenda o *Método formal* de Medviédev, escrito no ambiente acadêmico do Círculo de Bakhtin e do desenvolvimento das pesquisas do ILIAZV, para publicação pela Gosizdat, a editora estatal. *O método formal* inaugurou uma nova série da ILIAZV sobre “Questões de metodologia e teoria da linguagem e da literatura”. Em 1929, um pouco depois da publicação do livro no ano anterior, o ativo diretor do ILIAZV, L. P. Iakubisnki, enviou 15 exemplares para organizações de pesquisadores do exterior com as quais o Instituto havia estabelecido troca de publicações. O estudo de Victor Erlich sobre o formalismo russo, o primeiro publicado nos anos 1950 que cita extensivamente *O método formal* e o avalia em vários aspectos competentemente de um ponto de vista simpatizante, foi provavelmente o resultado direto desta iniciativa de Iakubisnki; o mesmo pode ser verdade em relação à republicação do livro em microfilme nos anos 1960 (ERLICH, 1955; MEDVIÉDEV, 1964 [1928]).

⁴⁰ Os trabalhos de Ioffe foram republicados recentemente (2006).

Medviédev foi um acadêmico altamente considerado pelos seus colegas do ILIAZV; entre eles estão os exigentes acadêmicos Lev Iakubinski, Victor Zhirmunski, Vladimir Shishmarev, Mark Azadovski, Boris Eikhenbaum, Ieremei Ioffe, Izaril' Frank-Kamenetskii e outros. O mais notável nesta lista foi V. A. Desnitskii, presidente da Seção de Metodologia literária do ILIAZV, da qual Medviédev também era membro. Em carta de apoio a Medviédev enviada a NKVD, Desnitskii expressou que *O método formal* foi “o mais valioso trabalho de Medviédev” e que “foi realizado e concluído em larga medida com referências às minhas sugestões e orientações” (citado em MEDVIÉDEV; MEDVIÉDEVA, 2003, p.215-216)⁴¹.

Isso não significa que, no meio acadêmico literário de Leningrado, não houvesse aqueles que se opunham a Medviédev, o invejassem ou simplesmente lhe quisessem mal. Medviédev foi um crítico e pesquisador que, inicialmente, se opunha ao método formal, e em seguida à publicação de seu livro, se tornou famoso como o destruidor - “ele mesmo o destruidor do método formal”, como recorda Erikh Gollerbakh, resumindo a opinião prevalente nos círculos literários no início dos anos 1930 (p.11-12; 1990, p.11-12; 1993, p.35-36)⁴² – a pessoa que deu ao próprio Chklóvski motivo para duvidar da correção de sua teoria, como está claro na carta escrita por Chklóvski para Iuri Tyniánov no início de 1929 [ver Grigor'eva, 1995, p.201-202].

Devemos recordar justamente que tudo isso aconteceu antes da notória “pausa” da polícia estatal na campanha ideológica contra o formalismo. Uma das primeiras vítimas do desdobramento da campanha contra o formalismo foi Medviédev, um pouco após a publicação de *O método formal*. Trabalhos recentes de pesquisadores da Casa de Púchkin da Academia Russa descobriram informações pertinentes nos arquivos – em particular, gravações de encontros da seção de crítica literária da filial da União dos Escritores Soviéticos em fevereiro de 1932, na qual Medviédev foi obrigado pelo militante da Associação Proletária de Escritores Russos a confessar o erro de suas posições (MIKAHILOV, 2006), dois anos depois que Chklóvski, por sua própria decisão (voluntária, mas também sob coerção) publicou, na *Literaturnaia gazeta* [*Gazeta Literária*], sua retratação enquanto formalista, “monumento para

⁴¹ No texto em inglês: “Medviédev’s most valuable work [...] carried out and completed to a large extent with reference to my suggestions and advice”.

⁴² No texto em inglês: “himself the destroyer of the Formal Method”.

um erro teórico”. Esta afirmação que, como diz V. P. Muromskii, “deixa uma triste impressão” (2002, p.42)⁴³, explica como *O método formal* se tornou *Formalismo e Formalistas*, considerada a mais dura crítica ao formalismo publicada em 1934⁴⁴. Mas mesmo em uma declaração de acordo com o gênero retratação, Medviédev foi para o ataque, dizendo que compreendia seus próprios erros melhor que seus acusadores o fizeram, e que não renunciava à sua crítica ao formalismo, mas reconhecia que a tinha conduzido no território deles.

O próprio princípio da imanência, composto pelos erros de caráter metodológico geral feitos por mim, constrangeu [...] minha crítica ao formalismo. Todos os problemas que vão além das fronteiras do “imane” - problemas de natureza de classe do formalismo, suas raízes filosóficas etc. - continuam sem elaboração (MEDVIÉDEV, 1934, p.12; grifo nosso)⁴⁵.

Mikhailov omite de seu catálogo (2006, p.105-106) de ataques a Medviédev o mais importante, aquele que traz em si a ameaça de proibição de publicar e de uma prisão inevitável: o planejado ataque pessoal do então diretor da RAPP, o escritor Aleksander Fadeev, em um “encontro de produção crítica” da organização, no qual Fadeev estigmatiza Medviédev, entre outros críticos, como um “liquidador da arte proletária” (1932, p.5)⁴⁶. Devemos lembrar, entretanto, que Medviédev, assim que (erroneamente) sentiu que o perigo imediato havia passado, retornou ao seu importante livro: sua monografia *No laboratório dos escritores [In the Writer’s Laboratory]*, publicada em 1933, onde se refere novamente a *O método formal* (1933, p.22).

⁴³ No texto em inglês: “leaves a sad impression”.

⁴⁴ Muromskii está equivocado quando escreve que Medviédev foi membro da Associação Russa de Escritores Proletários (*Rossiiskaia assotsiatsiia proletarskikh pisatelei*, conhecida universalmente pelo seu acrônimo russo RAPP). Medviédev era filiado à União de Escritores Soviéticos (*Vserossiiskii soiuz pisatelei*) e foi um membro da sua direção e responsável pela seção de Crítica. Mas um pouco antes do Primeiro Congresso de Escritores, em 1934, a decisão foi de reunir todas as organizações importantes de escritores em uma única, a Federação dos Escritores Soviéticos (*Federatsiia ob’edineii sovetskikh pisatelei*, ou FOSP). Por isso, Medviédev foi chamado para uma reunião da RAPP. Os esforços para encontrar razões filológicas profundas para transformar *O método formal* em *Formalismo e Formalistas* são inapropriados em termos acadêmicos e historicamente ignorantes. Ver Tamarchenko, 2008 e a refutação em Iu. P. Medviédev, 2009.

⁴⁵ No texto em inglês: “the very principle of immanency, compounded by the mistakes of a general methodological character that I made, constrained [...] my critique of Formalism. All the problems that go beyond the borders of the “immanent” - problems of the class nature of Formalism, its philosophical roots and so on - remained unelaborated”

⁴⁶ No texto em inglês: “liquidator of proletarian art”.

No início dos anos 1930, mudanças começaram a acontecer no ILIAZV, subordinado novamente ao Instituto de Agitações Volodarski (*Institut agitatsii imeni Volodarskogo*). É por isso, provavelmente, que Volochínov foi impedido de defender sua tese, embora sendo altamente considerado como pesquisador. Todavia, a Volochínov, primeiro um estudante de pós-graduação, depois um pesquisador mantido pelo ILIAZV, foi exigido escrever relatórios regulares de seu trabalho: os arquivos contêm relatórios de seu trabalhos de estudante de pós-graduação, primeiro publicado por Nikolai Pankov e subsequentemente traduzido para o inglês em 2004 (VOLOSHINOV, 2004 [1927-1928]), e os pontos principais de suas apresentações na seção de Poética Sociológica, citadas por Dmitrii Iunov em um trabalho na Terceira Conferência Internacional em Estudos Bakhtinianos em 1998 (ZDOL'NIKOV, 1998, p.178-179).

A adição desses fatos ao nosso retrato de “concepção *compartilhada*” do Círculo indica a direção tomada pelo pensamento coletivo do Círculo, como faz o assim chamado “último trabalho” de Bakhtin, Metodologia das ciências humanas. Um pequeno manuscrito de Volochínov, seu plano para Um ensaio em poética sociológica (publicado pela primeira vez neste ano em russo e inglês por Craig Brandist), contém inúmeras definições expressivas:

Formas artísticas enquanto sistema de avaliações sociais. Formas de avaliação social que moldam ou não a forma. A técnica da forma condicionada pela natureza do material linguístico. Fatores homológicos da forma (ritmo). O problema da inter-relação entre forma e conteúdo. Forma como avaliação do conteúdo (VOLOSHINOV, 2008 [1925-1926], p.195; grifo nosso)⁴⁷.

Assim sendo, a categoria “avaliação social”, que aparece em campo primeiro em Medviédev (1985 [1928], p.118-128 e ss.), e a problemática da “inter-relação entre forma e conteúdo”, que forma a base do primeiro volume de um trabalho neste tema, confiscado quando Medviédev foi preso (ver Iu. P. MEDVIÉDEV, 1998, p.31), são tratados nos

⁴⁷ No texto em inglês: “*Artistic form as a system of social evaluations. Forms of social evaluation that do and do not shape form. The technique of form conditioned by the nature of the linguistic material. Homological factors of form (rhythm). The problem of the interrelationship of form and content. Form as evaluation of content*”.

relatórios de Volochínov de forma particular, ainda que reflitam o ponto de vista *compartilhado* do Círculo.

O método formal mostra o que podemos chamar de uma variante apofática da poética sociológica: isto está expresso na rejeição dos princípios da escola formal que Medviédev estudou tão exaustivamente e que tinha ocupado uma posição estável, para não dizer dominante, nos estudos literários, e também na oposição acadêmica ao método formal na base de uma concepção que já havia começado a aparecer nos primeiros artigos de Medviédev. E se Hansen-Löve organiza o discurso teórico e metodológico do formalismo russo no “estabelecimento do princípio do estranhamento” (1978; KHANZEN-LEVE [HANSEN-LÖVE], 2001)⁴⁸, então o discurso da poética sociológica do Círculo de Bakhtin pode ser reconstruído no estabelecimento de um aprofundado princípio da “avaliação social” orientada axiologicamente.

Trabalhos acadêmicos de Medviédev e Volochínov para o ILIAZV, discutidos por uma audiência altamente qualificada, não apenas testemunham a autonomia de seus autores, mas também exemplificam aspectos da teoria que cada membro do Círculo estava interessado em desenvolver principalmente. Os trabalhos de Medviédev (listados nos registros incompletos do Instituto) são Premissas metodológicas para uma teoria da criatividade artística e Sobre o método formal (Materiais de arquivo sem data b) (estes dois trabalhos, sintetizando novas observações de Medviédev, foram apresentados também em outros lugares). Os de Volochínov foram A estrutura sociológica da forma poética, aparentando uma antecipação do estruturalismo – ao mesmo tempo em que ele escrevia o trabalho, preparava sua introdução e tradução do primeiro capítulo de *Filosofia das formas simbólicas* de Cassirer – e O gênero e o estilo do enunciado artístico (Materiais de arquivo sem data b).

E, claro, as categorias com as quais Bakhtin estava trabalhando no período são bastante familiares: “autor e herói”, “palavra bivocal”, “teoria do diálogo”, “polifonia” etc. Esses temas e aspectos da teoria constituem o “núcleo” teórico tanto da “concepção *compartilhada*” do Círculo quanto dos três principais livros dos anos 1920, e exemplifica a

⁴⁸ No texto em inglês: “on the foundation of the principle of defamiliarisation”.

contribuição feita por cada membro do Círculo para sua “teoria da linguagem e criatividade artística verbal *compartilhada*”. Isso não significa dizer que outros aspectos da teoria “*compartilhada*” não o fossem também. Por exemplo, no artigo de 1917 de Medviédev sobre o diário de Tolstói, encontramos em destaque a futura categoria “comunicação verbal” (*obshchenie*), como também a orientação para a ideia de “diálogo” (entre Tolstói e a inteligência russa) (2004 [1916]). Uma das primeiras resenhas de Medviédev, da poesia de Nadson, foi até escrita na forma de um diálogo interior (1912b).

Há também outro conjunto de correspondências importantes para a compreensão da obra do Círculo. Juntos, Medviédev e Bakhtin, proferem palestras em uma tarde dedicada à obra de Blok (BAKHTIN, 2000 [1920]); MEDVIÉDEV 1921c). No período em que Medviédev estava conduzindo o seminário sobre Dostoiévski no Instituto da Educação Popular de Vítebsk, Bakhtin estava escrevendo seu livro sobre Dostoiévski, como Medviédev informa aos leitores do jornal Petrogrado (1921b; 1922). Medviédev era a força ativa sobre estética material por trás dos artigos do Círculo, em 1924: o seu O salierismo científico e O problema do conteúdo, do material e da forma de Bakhtin, encomendado por ele, foram recomendados por Medviédev para o jornal *Russkii sovremennik* (Contemporâneo Russo).

Depois que Bakhtin foi preso, e enquanto estava sob investigação, trabalhou intensivamente com Medviédev para completar e preparar para publicação o seu *Problemas da obra de Dostoiévski (Problemy tvorchestva Dostoevskogo)*, que, endossado por Medviédev, foi rapidamente publicado pela editora Priboi em Leningrado no início de 1929. Na segunda edição de seu livro, *Problemas da poética de Dostoiévski (Problemy poetiki Dostoevskogo)*⁴⁹, Bakhtin esquivou-se da terminologia sociológica usada anteriormente, sob a orientação de Medviédev, na primeira edição, empregando, ao invés disso, conceitos de poética histórica, os quais correspondem mais proximamente ao conteúdo revisado da edição de 1963. Essa lista de “correspondências” poderia e deveria ser ampliada, mas isso já seria tema de outro trabalho.

⁴⁹ N.T. A referência da obra em português é: BAKHTIN, M. *Problema da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

Em suma, deveria ser estranho, para dizer o mínimo, considerar aqueles a quem Sergei Zemlianoi tem espirituosamente chamado de “artel [ou cooperativa] de intelectuais” (1999, p.3)⁵⁰, que subscrevem a crença de que Bakhtin foi o único autor dos “textos disputados” por ser mais competente do que os indivíduos que estavam envolvidos na seção de Metodologia Literária do ILIAZV, reconhecidos por seus trabalhos originais, e não apenas por suas relações pessoais com Bakhtin e – neste caso dúbio – seu privilégio de “excedente”. Randall Collins que, em sua *Sociologia dos filósofos* [*Sociology of Philosophies*] destacou “Mikhail Bakhtin e Pavel Medviédev” por atingir “um novo nível de sofisticação reflexiva” (KOLLINZ [Collins] 2002, p.37; COLLINS, 1998)⁵¹, não teve, claro, oportunidade de se familiarizar com os manuscritos de Volochínov, mas os registros de arquivo confirmam as asserções de Collins e o direito de Volochínov a um lugar ao lado de Bakhtin e Medviédev.

Tentamos examinar a “identidade” ou “face” psicológica, social e criativa da polifonia de Bakhtin dentro do escopo do seu Círculo. Encontramos também um contraponto: os autores dos três mais importantes estudos dos anos 1920, não obstante a extensão do terreno comum, tiveram diferentes orientações ideológicas e estilos. Isso é especialmente palpável quando se comparam trabalhos escritos pelo próprio Bakhtin dentro do Círculo com aqueles que ele escreveu fora dele, em particular seus dois estudos sobre Dostoiévski. A orientação fenomenológica de Bakhtin, sua amplitude filosófica e a profundidade do seu talento distinguem, claramente, seus próprios trabalhos dos de Medviédev e Volochínov, que são mais transparentes para o leitor; mas todos estão marcados por um alto nível de execução, definido, nos termos de Collins, por um “líder intelectual” do Círculo, e apropriado à concepção que une os três autores. O contraponto foi já expresso na polêmica interior ao Círculo: em Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística, por exemplo, Volochinov discorda de Medviédev em numerosos pontos (um dos primeiros a chamar a atenção para esta polêmica foi Irwin Titunik (1984, p.543). Em trabalho de 1961, o Bakhtin tardio foi também polêmico sobre os livros dos anos de 1920 de Medviédev e Volochínov, e sobre o seu próprio livro dos últimos anos de 1920:

⁵⁰ No texto em inglês: “artel [or cooperative] of intellectuals”.

⁵¹ No texto em inglês: “a new level of reflexive sophistication”.

A concepção de linguagem e discurso que foi apresentada – não tão bem como poderia ter sido, e nem sempre coerentemente – nestes livros é uma em que eu ainda acredito, ainda que, claro, nos últimos trinta anos, ela tenha passado por certa evolução (BAKHTIN, 1992 [1961], p.145)⁵².

A obra escrita e as atividades acadêmicas do Círculo demonstram claramente as características identificadas por Ludwik Fleck e Randall Collins em seus estudos do caráter social dos trabalhos teóricos e filosóficos. A desconsideração das posições fundantes desses estudos (que invocamos neste e em outros estudos) pode ter empobrecido os estudos contemporâneos do “pensamento coletivo” - para usar um termo de Fleck, que é o Círculo de Bakhtin (ver MEDVIÉDEV; MEDVIÉDEVA, 2006). Mas, por outro lado, o fenômeno dialógico do Círculo de Bakhtin, pela virtude de toda uma série de caminhos nos quais sua psicologia e criatividade foram expressas, confirma e mesmo enriquece as posições desses estudos fundamentais. Tome-se, por exemplo, a conclusão de Bakhtin, constitutiva para qualquer “pensamento coletivo”: “O diálogo carrega a marca não de uma, mas de várias individualidades” (1996 [1952], p.211)⁵³.

Estudos importantes do Círculo de Bakhtin incluem *Vitebsk: A vida da arte 1917-1922* [Vitebsk: The Life of Art 1917–1922] de A. S. Shatskikh (2001), que dedica um capítulo inteiro ao Círculo e apresenta uma linha do tempo detalhada das atividades públicas de seus membros em cada cidade. Também digno de inclusão nesta categoria é o artigo do professor Vladimir Zakharov, primeiramente uma apresentação na Conferência de Bakhtin em 2005 em Jyväskylä, O problema do gênero na 'escola' de Bakhtin (2005; 2007). Zakharov examina o tratamento da categoria “gênero”⁵⁴ ao lado daquela de enredo (*siuzhet*)

⁵² No texto em inglês: “The conception of language and discourse that was set out - not as thoroughly as it might have been, and not always coherently - in those books is one that I still hold to, although of course in the thirty years since, it has gone through a certain evolution”.

⁵³ No texto em inglês: “Dialogue bears the imprint of not one, but several individualities”.

⁵⁴ Bakhtin explica sua compreensão de gênero no desenvolvimento do trabalho O romance como gênero literário, que foi enviado ao Instituto de Literatura Mundial (*Institut mirovoi literatury*, IMLI) em Moscou: “desde que o problema do gênero apareceu, eu me recuso a dar-lhe uma definição, mas é minha visão que é um problema muito importante, e que deve ser trabalhado em relação a outro, mais sério, conhecido como composição estilística”. Ver Pan´Kov, 2007, p.297. No texto em inglês: “since the question of genre has come up, then I refuse to give a definition, but it is my view that the problem of genre, which is an extremely important problem, should be worked through in connection with the more serious problem of what is known

e fabulação (*fabula*) nas obras de Bakhtin, Medviédev e Volochínov. Sua análise comparativa dos usos desses termos leva Zakharov a afirmar a autonomia intelectual de cada autor.

Conclusão similar foi atingida, com base em diferente material, por Vladimir Alpatov, Tat'iana Shchittsova, Georgii Fridlender, Sergei Zemlianoi, Irwin Titunik, Gary Saul Morson, Caryl Emerson, Ladislav Mateika, Nina Perlina, Tzvetan Todorov, Ken Hirschkop, Craig Brandist, Galin Tihanov, Boris Gasparov, Nikolai Vasil'ev, Patrick Sériot e outros, incluindo os autores de uma recente linha do tempo da obra do Círculo de Bakhtin (BRANDIST; SHEPHERD; TIHANOV, 2004)⁵⁵, assim como aqueles responsáveis pelas recentes traduções de *O método formal* em finlandês (Tapani Laine e Mika Lähteenmäki) [ver MEDVIÉDEV, 2008 [1928]] e francês (Bénédicte Vauthier e Roger Comtet) [ver MEDVIÉDEV, 2008, 2012 [1928]]. Mas em algumas partes ainda reina a convicção de que Bakhtin foi o autor desses e de outros textos de Medviédev e Volochínov. Tomemos, por exemplo, a seguinte afirmação intransigente do editor do recente número, no. 5, da *Bakhtinskii sbornik* (Coletânea Bakhtin):

A tendência, particularmente nos estudos estrangeiros sobre Bakhtin, de opor Medviédev e Volochínov a ele enquanto pensadores e teóricos supostamente autônomos que contribuíram para os estudos marxistas, me parece uma aberração deliberada, possivelmente mercenária e totalmente improdutiva para a análise dos planos de Bakhtin (MAKHLIN, 2004, p.336 fn. 21)⁵⁶.

E as formulações de Aviérintsiev lhe parecem “moralmente desatualizadas” (MAKHLIN, 2004, p.336)⁵⁷. Somente na consciência soviética e pós-soviética poderia uma história autêntica ser uma barreira para o estudo de Bakhtin. Este é um raciocínio de

as compositional stylistics”.

⁵⁵ Esta é uma fonte importante para Zakharov (2007, fn. 19): “Sobre as últimas pesquisas e problemas do ‘Círculo de Bakhtin’, ver Brandist et al., 2004, e Medviédev e Medviédeva, 2004, p.194-206”. No texto em inglês: “On the current state of research and problems of the ‘Bakhtin Circle,’ see Brandist et al., 2004 and Medvedev and Medvedeva, 2004, pp.194–206”.

⁵⁶ No texto em inglês: “The tendency, particularly in foreign works about Bakhtin, to oppose Medvedev and Voloshinov to him as supposedly autonomous thinkers and theorists who made a contribution to Marxist scholarship, strikes me as a deliberate aberration, not entirely unmercenary and utterly unproductive for the analysis of Bakhtin’s agenda”.

⁵⁷ No texto em inglês: “morally outdated”.

administrador, não de um pesquisador, e a acusação de serem os pesquisadores estrangeiros mercenários é, no mínimo, fonte de perplexidade. Algum tempo atrás, no jornal *Voprosy literatury* (*Questões de Literatura*), Makhlin reprovou Tzvetan Todorov por fazer de Bakhtin um fundo de pensão (2005, p.19): verdadeiramente, um roto falando do esfarrapado! Dirigiu então suas críticas para Aviérintsiev, demonstrando, ao fazer isso, que não somente “os planos de Bakhtin”, mas os de Aviérintsiev, também estavam além dele. Isto é refletido na linguagem de vários de seus escritos. O crítico e teórico da literatura Rodnianskaia já apontou, também em *Voprosy literatury*, a impropriedade do texto de Makhlin sobre Aviérintsiev (2007, p.106-112). Mas, para aqueles que têm conhecimento de seu comentário sobre *O método formal* tal como publicado na série pirata “Bakhtin mascarado” (“Bakhtin pod maskoi”), nada disso soa inesperado. As inadequações teóricas dessas séries comercialmente motivadas foram comentadas por muitos, inclusive por Bocharov. Mas, a exceção do professor V. Belous (1994)⁵⁸, poucos ofereceram qualquer afirmação pública da qualidade do aparato editorial. Este é um exemplo especialmente significativo dos problemas com esse aparato.

No século II, judeus e cristãos decidiram juntos excluir um número de livros disputados do Velho Testamento da Escritura Sagrada, enquanto reafirmavam o estado sagrado de outros. Determinou-se que os livros pertencentes à Escritura Sagrada eram textos “canônicos” *de inspiração divina*, isto é, “ditados” pelo Espírito Santo. O *corpus* da Bíblia como uma compilação de textos historicamente formada continuou contendo, em adição ao canônico, aqueles que eram considerados devotos, mas *não de inspiração divina*, e por isso foram chamados deuterocanônicos. Por analogia, Sergei Aviérintsiev chamou “deuterocanônicos” àqueles livros que tomaram parte do *corpus* do Círculo de Bakhtin, mas *não foram escritos* pelo próprio Bakhtin. Makhlin, entretanto, ao editar a série “Bakhtin mascarado”, se refere aos “textos deuterocanônicos de Bakhtin”, assim revelando uma compreensão meramente aproximada do termo (1993a, p.118). Assim como nos manuais soviéticos de filosofia, tudo é exato até se tornar o seu polo oposto – uma característica não incomum da “Bakhtinianologia”.

⁵⁸ Esta resenha leva as iniciais V. B., mas apenas porque é precedida de outro trabalho do professor V. G. Belous no qual seu nome é dado por extenso.

Em um artigo sobre os textos disputados, um conferencista em teoria literária de uma universidade de província, Aleksei Korovashko, citou um dos mais famosos artigos da problemática dos textos disputados, aquele em que Sergei Bocharov sustenta o testemunho de contemporâneos de Bakhtin e interlocutores, ainda que isso “não seja a *prova* definitiva”, “deve valer alguma coisa” (BOCHAROV, 1993a, p.73; 1994, p.1014)⁵⁹. O problema é, diz Korovashko, que “a porcentagem de material de baixo padrão neste testemunho é intoleravelmente alto”⁶⁰:

Por exemplo, o que exatamente são as excepcionais discrepâncias entre as descrições respectivas de Vadim Kozhinov, Georgii Gachev e Sergei Bocharov da primeira visita deles a Bakhtin “que vale a pena”? Kozhinov testemunha que Gachev caiu de joelhos ante Bakhtin; a evidência de Bocharov é que Gachev não caiu de joelhos; a versão do próprio Gachev é de que ele caiu de joelhos ante Bakhtin mentalmente (2001, p.64–65)⁶¹.

Korovashko vai além ao oferecer uma análise muito precisa da questão de todos “textos disputados”⁶².

Essencialmente, a única fonte confiável, a exceção das cartas de Bakhtin, são as gravações de suas conversas com Duvakin. Aqui ouvimos Bakhtin contando para Duvakin – podemos ouvir sua voz no gravador – que Medviédev foi seu “amigo *muito* próximo nesse período”, e sua entonação reforça esse ponto. Mas Vladimir Turbin nos assegura, no impresso, que os dois não eram nem próximos (1989). Kozhinov se refere depreciativamente a Medviédev como um jornalista literário, enquanto Bakhtin o chama, como vimos, de “estudioso da literatura” (KOZHINOV 1995, p.145)⁶³.

Bakhtin escreveu de Saranski para Kozhinov que ele conhecia bastante os livros de Medviédev e Volochínov e que esses foram escritos por seus antigos colegas (1992 [1961],

⁵⁹ No texto em inglês: “cannot be definitive proof [...] must still be worth something”.

⁶⁰ No texto em inglês: “the percentage of sub-standard material in this testimony is intolerably high”.

⁶¹ No texto em inglês: “For example, what exactly are the stunning discrepancies between the respective descriptions by Vadim Kozhinov, Georgii Gachev and Sergei Bocharov of their first visit to Bakhtin “worth”? Kozhinov testifies that Gachev fell on his knees before Bakhtin; Bocharov’s evidence is that Gachev did not fall on his knees; Gachev’s own version is that he fell on his knees before Bakhtin mentally”.

⁶² Korovashko indica ao leitor as justificativas desse primeiro encontro notório com Bakhtin em Kozhinov (1992) e Bocharov (1993b).

⁶³ No texto em inglês: “theorist of literature”.

p.145). Contrariamente, Turbin alegou que, quando levou *O método formal* para mostrar para Bakhtin, esta foi a primeira vez que Bakhtin havia visto o livro⁶⁴. Há um bom ditado russo: “Ele está mentindo como uma testemunha ocular” [*He is lying like an eyewitness*]. Mas é essa e “revelações” similares que formaram a opinião pública no momento, especialmente conferências e colóquios numerosos, de Moscou a Makhachkala. Ademais, todas essas informações irreais foram apresentadas e percebidas como vindas do próprio Bakhtin.

Não nos deveria surpreender que, aproximadamente ao mesmo tempo, o famoso linguista Reformastikii dissesse, com entusiasmo, para seu colega Agniia Desnitskaia: “Você sabe, Volochínov, de fato, não existiu. Ele é apenas um personagem carnavalesco!” Ao que Desnitskaia replicou, não tão entusiasticamente: “O que você quer dizer? Eu me lembro bem dele, ele foi um dos alunos de pós-graduação do meu pai; e costumava trazer um bolo quando vinha vê-lo...”⁶⁵.

No recente artigo de Robert Barsky para a Galeria de Pensadores russos da internet, administrada pela Sociedade Internacional de Filósofos, não qualquer um, mas Vitalii Makhlin é nomeado como um amigo bastante próximo de Bakhtin⁶⁶. Mas como poderia ser diferente, se esse mesmo Makhlin (não sem um toque de humor, é claro) colocou em circulação uma observação jocosa lisonjeira em relação a si próprio: “Makhlin é o Bakhtin de hoje” (PAN’KOV, 1998, p.136, fn.1)⁶⁷.

Mas, se se pode dizer que um autor estrangeiro imparcial foi enganado ou simplesmente equivocou-se, os autores russos que promulgaram falsas versões são, muitas vezes, deliberadamente mentirosos. Tome-se, por exemplo, uma resenha do estudo de Boris Ekhenbaum, *Vozes de um formalista russo* [*Voices of a Russian Formalist*], de Carol Any, no respeitado jornal *Novyi mir* (*Novo Mundo*). Ao escrever seu trabalho, Any adquiriu conhecimentos minuciosos do arquivo de Eikhenbaum e de sua vida, falando,

⁶⁴ Ver o relato em Makhlin, 1993b, p.206.

⁶⁵ Esta conversa foi recontada a Iuri Medviédev pela própria Desnitskaia.

⁶⁶ “As teorias de Bakhtin e seu Círculo tocam em quase todos os aspectos da vida cotidiana, e V. Maklin [sic], um amigo pessoal de Bakhtin e o nome principal do Bakhtin Center em Moscou, revelou recentemente que Bakhtin estava tentando estabelecer uma filosofia da ação discursiva para cada um dos princípios [sic] das situações discursivas” (BARSKY, n.d.).

⁶⁷ No texto em inglês: “Makhlin is the Bakhtin of today”.

inter alia, com membros de sua família. Ela fez questão de insistir que o que tinha aprendido a levou a concluir que Medviédev foi o autor de *O método formal*, que foi atribuído a Bakhtin um pouco inapropriadamente [ANY, 1994, p.240 (n. 30, p.57)]. Entretanto, na resenha, não há referência a essa opinião, e Eikhenbaum é apresentado como tendo tido contato não com Medviédev, mas com Bakhtin (GROMOV-KOLLI, 1995, p.250). É difícil suspeitar que o resenhista de um livro em inglês não conheça a língua; então, é muito mais provável ter sido essa uma necessidade de publicar, de defender uma tese, e ganhar a aprovação de um ainda influente “artel de intelectuais”.

Mas há também casos em que a honestidade acadêmica supera a opinião da maioria desorientada. Nos anos 1970, Georgii Fridlender, que escreveu um dos primeiros artigos sobre a obra de Bakhtin, fez campanha para ser eleito para a Academia de Ciências e uma petição para ganhar um prêmio de estado. Trouxe, daqueles próximos a Bakhtin em Moscou, a “confiável” notícia de que Bakhtin era o autor de certos textos, e oficialmente compartilhou essas novidades em um encontro do Conselho Acadêmico do Instituto de Literatura Russa (Casa de Púchkin) em Leningrado. Mas a consciência e a ética acadêmica incomodaram um participante que ainda se lembrava das palestras de Medviédev e outras apresentações no LIFLI e na Universidade de Leningrado. Depois de analisar o tema, ele reconheceu, desta vez por escrito, que Bakhtin, “não obstante a crença geral”, não era o autor do “livro de P. N. Medviédev *O método formal nos estudos literários*, atribuído a Bakhtin por muitos pesquisadores no país e no exterior” (1993, p.198)⁶⁸.

Em uma de suas publicações, Turbin se descreve como um “valet de Bakhtin” (1990, p.9)⁶⁹, pensando que estava fazendo uma piada sofisticada, embora isso tenha acabado por se tornar um lapso freudiano. Uma coisa é certa: a filha de Iuri Andropov (então todo poderoso diretor da KBG), uma estudante de pós-graduação de Turbin que ajudou muito Bakhtin em tarefas domésticas cotidianas, sem perceber, tornou-se também um alibi para os atos ilícitos que aqueles a quem foram atribuídos seus direitos literários se permitiram. Não foi somente a medicação da farmácia do Kremlin que foi prescrita “por

⁶⁸ No texto em inglês: “notwithstanding a widespread belief [...] P.N. Medvedev’s book *The Formal Method in Literary Scholarship*, attributed to Bakhtin by many researchers in this country and abroad”.

⁶⁹ No texto em inglês: “Bakhtin’s valet”.

ordem pessoal” (uma fórmula infalivelmente efetiva do Kremlin “desclassificada” por Bocharov (1990, p.70; 1994, p.1011), mas direitos de publicação ilegais. Aqui, por exemplo, está uma citação de um documento emitido pela Sociedade Russa de Autores (Rossiiskoe avtorskoe obshchestvo, RAO) em Moscou:

Em resposta à sua requisição de 16 de abril deste ano referente à publicação no exterior do livro *O método formal nos estudos literários* nós, por este meio, confirmamos:

Este livro foi de fato publicado em traduções em checo, japonês e polonês com base em contratos negociados pela antiga Agência para proteção dos direitos dos autores de toda a União [Vsesoiuznaia agentstvo po okhrane avtorskikh prav, VAAP]. Nesses casos, o livro foi publicado sob o nome de M. M. Bakhtin, como foi apresentado por seus cessionários legais. Os direitos dessas edições foram pagos para S. G. Bocharov e V. V. Kozhinov com base em documentos oficiais apresentados por eles, certificando seus direitos de herança aos trabalhos de M. M. Bakhtin.

Como foi comunicado previamente, a autoria de Pavel Nikolaevich Medviédev para o livro intitulado *O método formal nos estudos literários*, publicado em Leningrado pela Priboi em 1928, nunca foi matéria de disputa⁷⁰.

Este documento nos diz que aqueles com interesse no assunto irão continuar insistindo nos seus direitos por todos os meios possíveis, incluindo meios pseudocientíficos, como os comentários acima testemunham, com intuito de preservar seus próprios reconhecimento histórico; e devemos estar preparados para isso.

Mas eles não serão bem sucedidos, visto que o que foi realizado é um ato de falsificação acadêmica que estabeleceu em todo mundo dos estudos bakhtinianos um caminho inverídico. Aqui está o texto de uma carta sobre a proposta de contrato entre a

⁷⁰ No texto em inglês: “In response to your request of 16 April this year concerning the publication overseas of the book *The Formal Method in Literary Scholarship* we hereby confirm: This book was indeed published in Czech, Japanese and Polish translations on the basis of contracts negotiated by the former All-Union Agency for the Protection of Authors’ Rights [Vsesoiuznaia agentstvo po okhrane avtorskikh prav, VAAP]. In these cases the book was published under the name of M.M. Bakhtin, as it was presented by his legal assignees. Royalties for these editions were paid to S.G. Bocharov and V.V. Kozhinov on the basis of official documents presented by them and certifying their inheritance rights to the works of M.M. Bakhtin. As has previously been communicated to you, Pavel Nikolaevich Medvedev’s authorship of the book entitled *The Formal Method in Literary Scholarship*, published in Leningrad by the Priboi publishing house in 1928, has never been a matter of dispute”.

VAAP e a editora francesa Payot para uma edição de *Freudismo* de Volochínov sob o nome de Bakhtin:

Bakhtin, Mikh. Mikh.

Contrato

(sob o nome Volochínov, V. N.)

Freudismo (Um estudo em filosofia, estética e estudos literários)

Moscou-Leningrado, Gosizdat, 1972, c. 15 páginas do autor [uma página do autor tem aproximadamente 40.000 caracteres]

Conc[edido] na França para a editora Payot. ... no momento em que um contrato é concluído, a Direção de Literatura e Arte da VAAP tornará disponível para a edição fran[cesa] uma nota intro[ductória] pretendida pelo autor para ser incluído em todas as edições estrangeiras de seus trabalhos que foram publicados sob os nomes de Volochínov e Medviédev.

14 de julho de 1976 06.08.1976 19.10.1977 [Assinaturas] V. Panov, A. Kabanov⁷¹

Bakhtin morreu em março de 1975, mas esse documento circula com muitas datas posteriores mostrando que ainda havia a intenção de preparar uma “nota introdutória” para a VAAP, alegadamente assinada por Bakhtin. A primeira edição russa de *O método formal* sob o nome de Bakhtin foi publicada pela editora de emigrantes Era de Prata [Silver Age] em 1982, com a firme suposição de que a VAAP mantinha tal documento. Como escreveu o autor do Prefácio da edição:

No seu prefácio para a edição americana de *O método formal*, A. J. Wehrle citou a afirmação de Kozhinov que, antes de morrer, Bakhtin assinou um documento, atualmente mantido pela VAAP, onde afirma sua autoria e requer que qualquer republicação de suas obras tenha a preocupação de publicá-las sob seu nome (EDITORES, 1982, p.5-6)^{72 73}

⁷¹ No texto em inglês: “Bakhtin, Mikh. Mikh. Contract (under the name Voloshinov, V.N.) Freudianism (A study in philosophy, aesthetics and literary scholarship), Moscow-Leningrad, Gosizdat, 1927, c. 15 author’s pages [an author’s page is approximately 40,000 characters] Gr[anted] in France to the publisher Payot . . . that in the event that a contract is concluded the Literature and Art Directorate of VAAP will make available for the Fr[ench] edition an intro[ductory] note intended by the author to be included in all foreign editions of those of his works that were published under the names of Voloshinov and Medvedev. 14 July 1976 06.08.1976 19.10.1977 [Signatures] V. Panov, A. Kabanov”.

⁷² No texto em inglês: “In his preface to the American edition of *The Formal Method* A.J. Wehrle quotes Kozhinov’s statement that before he died Bakhtin signed a document, currently held in VAAP, where he affirms his authorship and requests that any republications of the works concerned should be published under his name”.

A recusa resoluto de Bakhtin em assinar um documento falsificado veio à tona mais tarde, quando já havia precedentes para tais republicações. O documento publicado aqui explica por que este foi o caso.

Em correspondência tardia com Gary Saul Morson, de quem a justificada polêmica com Clark e Holquist pela atribuição a Bakhtin dos textos de seus colegas causou muita comoção (MORSON, 1985, p.32), o editor da série *Bakhtinskii sbornik* assegurou a Morson e a todos os que leram suas correspondências que, no momento certo, o documento verdadeiro poderia aparecer (MAKHLIN; MORSON, 1991, p.42). A comunidade acadêmica desorientada recebeu, dessa forma, um reforço confiável, ainda que sem nada de novo.

Nós, deliberadamente, não nos apressamos em tornar público os documentos da RAO e da VAAP, embora haja muitas evidências adicionais⁷⁴. Temos a esperança de que aqueles que acreditam que Bakhtin tenha sido o autor dos textos disputados possam pensar melhor sobre suas posições, que a ética e a moralidade bakhtinianax triunfem, e que uma aproximação acadêmica ao fenômeno dialógico que é o Círculo de Bakhtin possa restaurar o todo ao seu próprio lugar. Mas o aparecimento em 2003 do volume 1 dos *Collected Works* [*Trabalhos reunidos*] de Bakhtin (o mais recente dos quatro volumes que apareceram até agora), com um comentário sem sentido, e em tom completamente inadequado, sobre “empréstimos” verbais e outros de Bakhtin a seus colegas, nos pareceu ter dado um passo demasiado largo. A conversa imprecisa daqueles – como o personagem Teptelkin do *roman à clef* de Vaginov sobre o Círculo de Bakhtin, *Kozlinaia pesn´* (*A canção do bode*), que, nas palavras de Bakhtin, gosta de filosofar mas não é filósofo, assim como a monstruosa acusação de mercenarismo direcionada aos pesquisadores estrangeiros que tentavam encontrar objetivamente a verdade, nos compeliu, finalmente, a nomear as verdadeiras fontes de desinformação e mercenarismo, tornando público os documentos citados acima.

⁷³ Cf. Wehrle, 1985, xxxii.

⁷⁴ Temos a nosso dispor vários exemplos adicionais de estratégias em relação ao problema da autoria, mas as limitações de espaço nos impedem de um maior detalhamento.

O teórico da literatura V. V. Zdol'nikov, resenhando os resultados da Terceira Conferência Internacional em “Leituras” [Third International Bakhtin “Readings”] sobre Bakhtin em Vítebsk em 1998, escreveu:

Parece estranho dizer isso sobre as humanidades, mas a questão da honestidade profissional na academia, a questão da pilhagem intelectual pairou [durante toda a conferência]. Como o chamado para fazer dos acadêmicos Medviédev e Volochínov aventureiros que se alimentavam das migalhas da mesa de um gênio. Eles foram indivíduos suficientemente excelentes e talentosos para estarem no nível do Círculo de Bakhtin, para ser de interesse não apenas para Bakhtin, mas para nós [...] Bakhtin e seu Círculo não podem ser compreendidos de uma perspectiva de baixeza, de um oportunismo conformista – esta foi uma ideia que circulou em muitos dos trabalhos (ZDOL'NIKOV, 1998, p.191)⁷⁵.

Como vimos, então, o problema que trazemos aqui tem ocupado muitos outros, e por um grande tempo. Pesquisadores não desejam se tornar reféns da mais simplificada academia ou participar de uma campanha que, por sua natureza e consequências, recorda o marrismo e o lysenkoísmo, e que é conduzida usando métodos de caça às bruxas.

Como disse Ken Hirschkop acertadamente, “Por um grande tempo, sabíamos muito pouco sobre a vida de Bakhtin. Graças aos esforços dos estudos pós-*glasnost* sobre Bakhtin, sabemos agora muito menos” (1999, p.111)⁷⁶.

As *Conversas com Duvakin* de Bakhtin provavelmente permaneceram não publicadas por tanto tempo que as posições fundamentais do cânone bakhtiniano puderam se tornar firmemente estabelecidas na Rússia e em todo mundo. E foi somente nos anos 1990 que a carta de 1961 de Bakhtin para Kozhinov veio a público, um tempo em que a opinião pública já havia sido preparada e moldada pelas edições ilegais, particularmente aquelas recentes da editora Labirinto que inundaram o mercado de livro russo com suas

⁷⁵ No texto em inglês: “It seems strange to say this about the humanities, but the question of professional honesty in scholarship, the question of intellectual looting hung [over the whole conference]. Like the call to make Medvedev and Voloshinov academic adventurers feeding on the crumbs from a genius’s table. They were sufficiently outstanding and talented individuals to be on the level of Bakhtin’s Circle, to be of interest not only to Bakhtin but to us [...] Bakhtin and his Circle cannot be understood from a perspective of baseness, of conformist time-serving - this was an idea running through many of the papers”.

⁷⁶ No texto em inglês: “For a long time we knew very little about Bakhtin’s life. Thanks to the efforts of post-*glasnost* Bakhtin scholarship, we now know even less”.

“máscaras” e “meias-máscaras” bakhtinianas. E isso, apesar do fato de o principal especialista na história dos movimentos filológicos, Vladimir Alpatov, interposto pela Labirinto no seu time editorial com o intuito de reforçar a imagem da editora para uma de suas publicações – e na esperança de ele poder oferecer o apoio incondicional à posição dela – inesperadamente escreveu que “não pode haver nenhum espaço para a posição agora virtualmente dominante [...] de que Bakhtin foi o único autor” (1998, p.517)^{77 78}. Ademais, outro filologista bem conhecido, Professor V. N. Zakharov, instado pelo periódico *Dialog. Karnaval. Khronotop* para responder a um questionário sobre as obras de Bakhtin sobre Dostoiévski, de repente terminou sua entrevista com comentários que não eram diretamente relevantes para a questão colocada:

[...] E outra coisa. Nós não podemos atribuir os trabalhos dos outros a Bakhtin. O que tem sido dito até agora sobre os trabalhos de Volochínov e Medviédev não fornece nenhuma razão para reconhecer nem mesmo a coautoria a Bakhtin (muito menos sua autoria!)... A verdade é dialógica, e os primeiros a sentirem isso foram os amigos e interlocutores do grande filósofo russo (ZAKHAROV, 1994, p.10)⁷⁹.

Não obstante as objeções de indivíduos altamente competentes, a campanha para desacreditar Volochínov e Medviédev continua e, por meio da inércia, seus livros são listados em trabalhos de referência por editores indiscriminadamente como trabalhos de Bakhtin.

Por que, de fato, as conversas de Bakhtin com Duvakin – a mais valiosa fonte documental de informação sobre Bakhtin e seu Círculo – foram publicadas somente vinte anos após terem sido gravadas? Enquanto isso, o mundo inteiro não teve outra escolha senão se referir à única biografia disponível de Bakhtin, publicada em 1984 por autores americanos – os quais, se tivessem incidentalmente tido acesso às conversas,

⁷⁷ Alpatov, em resposta, foi declarado um “não-bakhtiniano”.

⁷⁸ No texto em inglês: “there can be no grounds for the now virtually dominant [...] view that Bakhtin was the sole author”.

⁷⁹ No texto em inglês: “[...] And another thing. We should not attribute others’ works to Bakhtin. What has been said up to now about works by Voloshinov and Medvedev provides no grounds for acknowledging even Bakhtin’s co-authorship (let alone his authorship!)... Truth is dialogic, and the first to sense this were the great Russian philosopher’s friends and interlocutors”.

provavelmente teriam corrigido a versão de sua biografia acadêmica e evitado uma série de erros e imprecisões. Aqueles próximos a Bakhtin não poderiam fingir que não sabiam dessas conversas: alguns deles, como está claro pelo texto, estavam lá quando elas aconteceram.

Bakhtin morreu há mais de trinta anos. Em todo esse tempo, ele esteve no poder do que Morson chama de a “Indústria Bakhtin”, na qual um número não pequeno de trabalhos honestos e genuínos se perdeu. A 13ª Conferência com o nome de Bakhtin, na qual o trabalho em que este artigo está baseado foi apresentado, foi um momento oportuno para provocar algumas conclusões. Mas essas conclusões sugerem, de nosso ponto de vista, que uma compreensão verdadeira de Bakhtin e seu Círculo está no futuro ainda, nutrindo novas perspectivas acadêmicas e requerendo uma afluência de novas forças. A grandeza inalterável de Bakhtin como pensador reside em sua existência tão interessante e enigmática quanto antes. Como antes, ele proporciona estímulos para o trabalho de “outro” e “outros”, nosso “nós” intelectual compartilhado.

Seu Círculo também continua vivo. Novas traduções dos trabalhos de seus membros estão aparecendo; suas atividades acadêmicas são tema de novas pesquisas e apresentações em conferências internacionais. Manuscritos e documentos desconhecidos até agora estão sendo publicados. Pesquisas nos trabalhos e atividades do Círculo estão ampliando o campo acadêmico e filosófico dos estudos bakhtinianos, promovendo uma compreensão do “paradigma bakhtiniano” na cultura, dando um novo ímpeto ao estudo da criatividade artística e acadêmica. A “primeira filosofia” de Bakhtin, a “sociologia poética” de Medviédev, e a “sociolinguística” de Volochínov estão todas relacionadas à mesma corrente.

Nas palavras da viúva do poeta Osip Mandelstam, Nadezhda:

Uma comunidade verdadeira (“nós”) é inabalável, incontestável e duradora. Não pode ser desfeita, posta de lado, ou destruída. Permanecerá inviolável e inteira, mesmo quando aqueles que a chamam por seu nome estão em seus túmulos (MANDELSTAM, 1974 [1972], p.29)⁸⁰.

⁸⁰ Tradução livre do texto: “A true community (“we”) is unshakable, indubitable, and enduring. It cannot be broken up, pulled apart, or destroyed. It will remain inviolable and whole, even when those who call

REFERÊNCIAS

ADLAM, C.; SHEPHERD, D. (Eds.). *The Annotated Bakhtin Bibliography* (MHRA Bibliographies, 1). London: Maney, 2000.

ALPATOV, V. Lingvisticheskoe sodержanie knigi *Marksizm i filosofiiia iazyka*. In: BAKHTIN, M. *Tetralogiia*. Moscow: Labirint, 1998, pp.517-529.

ANY, C. *Boris Eikhenbaum: Voices of a Russian Formalist*. Redwood City, CA: Stanford University Press, 1994.

ARCHIVAL MATERIALS. Sledstvennoe delo “Voskreseniia.” Arkhiv FSB po Leningradskoi oblasti [Leningrad Regional Archive of the Federal Security Service], d. 14284, t. 3, l. 7, 1929.

_____. Undated a. Arkhiv RAN, filial SPb, fond 302, opis´ 1, ed. khr. 14, l. 28, 1929.

_____. Undated b. Arkhiv Rossiiskoi Akademii Nauk, Sankt-Peterburgskii filial, f. 302, op. 1, no. 15, l. 25; no. 49, l. 67, etc., 1929.

AVERINTSEV, S. Mikhail Bakhtin: Retrospektiva i perspektiva. *Druzhba narodov*, n. 3, pp.256-259, 1988.

BAKHTIN, M.M. *Rabelais and His World*. Translated by Hélène Iswolsky. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1984 [1965].

_____. Letter to Vadim Kozhinov of 10 January 1961. In: Pis´ma M. M. Bakhtina. *Literaturnaia ucheba*, pp.5-6:144-153, 1992 [1961].

_____. Iz arkhivnykh zapisei k rabote “Problema rechevykh zhanrov.” Dialog I. Problema dialogicheskoi rechi. In: BAKHTIN, M. *Sobranie sochinenii v semi tomakh*, vol. 5, *Raboty 1940-kh–nachala 1960-kh godov*, ed. S.G. Bocharov and L.A. Gogotishvili. Moscow: Russkie slovari, 1996 [1952], pp.209–218.

_____. [Lecture on Aleksandr Blok]. In: BAKHTIN, M. *Sobranie sochinenii v semi tomakh*, vol. 2, “*Problemy tvorchestva Dostoevskogo*,” 1929; *Stat´i o Tolstom*, 1929; *Zapisi kursa lektsii po istorii russkoi literatury, 1922–1927*, ed. S.G. Bocharov and L.S. Melikhova. Moscow: Russkia slovari, 2000 [1920s], pp.343-355.

_____. *Besedy s V.D. Duvakinym*. Moscow: Soglasie, 2002.

BAKHTINE [BAKHTIN], M. M. L’Art et la Responsabilité. In: SÉRIOT, P.; FRIEDRICH, J. (Eds.) *Langage et pensée: Union Soviétique, années 1920–1930 (Cahiers de l’ILSL, 24)*. Lausanne: Université de Lausanne, 2008 [1919], pp.281-83.

BARSKY, R. Mikhail Bakhtin. *Gallery of Russian Thinkers*. Available at: [http://www.isfp.co.uk/russian_thinkers/mikhail_bakhtin.html], n.d. Accessed on: 2 November 2008.

BELOUS, V. G. [Review of *Bakhtin pod maskoi*. Moscow: Labirint, 1993]. *Voprosy filosofii*, , pp.9, 214–215, 1994.

themselves by this name are in their graves”.

BLIUM, A.V. *Zapreshchennye knigi russkikh pisatelei i literaturovedov. 1917–1991. Indeks sovetsoi tsenzury s kommentariiami*. St Petersburg: Sankt-Peterburgskii gosudarstvennyi universitet kul'tury i iskusstv, 2003.

BOCHAROV, S. G. Ob odnom razgove i vokrug nego. *Novoe literaturnoe obozrenie*. 1993a, pp.2-70-89.

_____. Primechanie k memuaru. *Novoe literaturnoe obozrenie*. 1993b, pp.3, 209-10.

BRANDIST, C.; SHEPHERD, D.; TIHANOV, G. The Bakhtin Circle: A timeline. In: BRANDIST, C. et al. (Eds.) *The Bakhtin Circle*, 2004, pp.251–275.

BRANDIST, C.; SHEPHERD, D.; TIHANOV, G. (Eds.). *The Bakhtin Circle: In the Master's Absence*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2004.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Cambridge, MA, and London: The Belknap Press of Harvard University Press, 1984.

COLLINS, R. *The Sociology of Philosophies: A Global Theory of Intellectual Change*. Cambridge, MA and London: The Belknap Press of Harvard University Press, 1998.

EDITORS. Ot izdatel'stva. In M. M. Bakhtin, *Formal'nyi metod v literaturovedenii*. New York: Serebrianyi vek, 1982, pp.3-7.

ERLICH, V. *Russian Formalism: History, Doctrine*. 's-Gravenhage: Mouton & Co., 1955.

ESAULOV, I. A. Polifoniia i sobornost' (M.M. Bakhtin i Viach. Ivanov). In: TAMARCHENKO, N.D. (Ed.) *Bakhtinskii tezaurus*. Moscow: Rossiiskii gosudarstvennyi gumanitarnyi universitet, 1997, pp.133-37.

EVREINOV, N. N. *Vvedenie v monodrama*. St Petersburg: Izdanie N. I. Butkovskoi, 1909.

FADEEV, A. A. Ob odnom spore vseirnno-istoricheskogo znachenii. Zakliuchitel'noe slovo na proizvodstvennom soveshchanii RAPP 29 ianvaria 1932 g. *Na literaturnom postu*, n. 5, pp.1-5, 1932.

FRIDLENDER, G. M. Nasledie M.M. Bakhtina vchera i segodnia. *Russkaia literatura*, n. 3, pp.198-206, 1993.

GOGOTISHVILI, L. A. Dvugolosie v sootnoshenii s monologizmom i polifoniei. In: MAKHLIN, V. L. (Ed.). *Bakhtinskii sbornik*, 5. Moscow: Iazyki slavianskoi kul'tury, 2004, pp.338-410.

GOLLERBAKH, E. *Gorod muz: Detskoe selo kak literaturnyi simvol i pamiatnik byta*. Leningrad: n.p., 1930. Reprints: Moscow: Kniga, 1990; St Petersburg: Art-Liuks, 1993 [1930].

GRIGOR'EVA, G. G. (Comp.). "Razzhimaiu ladoni, vypuskaiu Vazira": Iz perepiski Iu.N. Tynianova V.B. Shklovskomu (1927–1940). *Soglasie*, n. 30, pp.178-214, 1995.

GROMOV-KOLLI, A. [Review of Any 1994]. *Novyi mir*, n. 6, pp. 250-251, 1995.

HANSEN-LÖVE, A. A. *Der russische Formalismus: methodologische Rekonstruktion seiner Entwicklung aus dem Prinzip der Verfremdung*. Vienna: Verl. d. Österr. Akad. d.

Wiss, 1978.

HIRSCHKOP, K. *Mikhail Bakhtin: An Aesthetic for Democracy*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

HOLQUIST, M.; LIAPUNOV, V. (Eds). *Art and Answerability*. Translated by Liapunov. Austin, TX: University of Texas Press, 1990.

IOFFE, I. I. *Izbrannoe: 1920-30-e gg.* St Petersburg: ID "Petropolis", 2006.

IVANOV, V. V. *Ocherki po istorii semiotiki v SSSR*, 2006. Available at: [http://philologos.narod.ru/semiotics/ivanov_lit.htm]. Accessed on: 18 October 2008.

KAGAN, Iu. M. O starykh bumagakh iz semeinogo arkhiva (M. M. Bakhtin i M. I. Kagan). *Dialog. Karnaval. Khronotop*, n. 1, pp.60-88, 1992.

KAZAKOV, A. A. Polifoniia kak zhivoe poniatie. *Bakhtinskie chteniia* (Vítebsk) III, pp.104-115, 1998.

KELLY, C.; VOLKOV, V. *Obshchestvennost', sobornost'*: collective identities. In: KELLY, C.; SHEPHERD, D. (Eds.) *Constructing Russian Culture in the Age of Revolution: 1881–1940*. Oxford: Oxford University Press, 1998, pp.26-7.

KHANZEN-LEVE, O. A. [Hansen-Löve, Aage A.]. *Russkii formalizm. Metodologicheskaia rekonstruktsiia razvitiia na osnove printsipa ostraneniia*. Moscow: Iazyki russkoi kul'tury, 2001.

KOLLINZ, R. [COLLINS, R.]. Predislovie k russkomu izdaniiu. In: *Sotsiologiia filosofii. Global'naiia teoriia intellektual'nogo izmeneniia*. Translated by Collins, 1998. Novosibirsk: Sibirskii khronograf, 2002, pp.32-38.

KOROVASHKO, A.V. Zametki ob avtorstve spornykh bakhtinskikh tekstov. *Vestnik Nizhegorodskogo gosudarstvennogo universiteta. Serii: Filologiia*, n. 1, pp.62-66, 2001. Available at: [<http://www.unn.ru/?main=issues&sub=vestnik>] Accessed on: 2 November 2008.

KOZHINOV, V.V. Kak pishut trudy, ili Proiskhozhdenie nesozdannogo avantiurnogo romana: (Vadim Kozhinov rasskazyvaet o sud'be i lichnosti M.M. Bakhtina). *Dialog. Karnaval. Khronotop*, n. 1, pp.109–23, 1992.

_____. Kniga, vokrug kotoroi ne umolkaiut spory. *Dialog. Karnaval. Khronotop*, n. 4, pp.140–7, 1995.

L. V. Aktivizatory burzhuznoi kritiki razoblacheny. Kriticheskaiia sektsiia LO VSSP raspushchena. *Krasnaia gazeta* 302 (23 December), 3, 1931.

MAGOMEDOVA, D. M. Polifoniia. In: TAMARCHENKO, N. D. (Ed.) *Bakhtinskii tezaurus*. Moscow: Rossiiskii gosudarstvennyi gumanitarnyi universitet, 1997, pp.164-74.

MAKHLIN, V. L. Kommentarii. In: *Bakhtin pod maskoi. Maska pervaiia*: V. N. Voloshinov, "Freidizm." Moscow: Labirint, 1993a, pp.111-18.

_____. Kommentarii. In: *Bakhtin pod maskoi. Maska vtoraiia*: P.N. Medvedev, "Formal'nyi metod v literaturovedenii." Moscow: Labirint, 1993b, pp.193–206.

_____. Nezasluzhennyi sobesednik (II) (Opyt istoricheskoi orientatsii). In: MAKHLIN, V. L. (Ed.) *Bakhtinskii sbornik 5*. Moscow: Iazyki slavianskoi kul'tury, 2004, pp.315–37.

_____. Bez kavychek. *Voprosy literatury*, n. 1, pp.12–21, 2005.

MAKHLIN, V. L.; MORSON, G.S. Perepiska iz dvukh mirov. In: MAKHLIN, V. L. et al. (Eds.) *Bakhtinskii sbornik 2*. Moscow: n.p., 1991, pp.31-43.

MANDELSTAM [Mandel'shtam], N. *Hope Abandoned: A Memoir*. Translated by Max Hayward. London: Collins & Harvill Press, 1974 [1972].

MEDVEDEV, Iu. P. Vítebski period zhizni P. N. Medvedeva. In *Bakhtinskii chteniia I: Materialy Mezhdunarodnoi nauchnoi konferentsii. Vítebsk, 3–6 iunia 1995 g.* Vítebsk: N.A. Pan'kov, pp.63–86, 1996.

_____. Na puti k sozdaniiu sotsiologicheskoi poetiki. *Dialog. Karnaval. Khronotop*, n. 2, pp.5-57, 1998.

_____. “Voskresenie.” K istorii religiozno-filosofskogo krúzhka A.A. Meiera. *Dialog. Karnaval. Khronotop*, n. 4, pp.82-157, 1999.

_____. Bakhtin dlia bednykh. (Dve retsenzii v vide pis'ma s primechaniiami). *Dialog. Karnaval. Khronotop*, n. 1, pp.110–26, 2000.

_____. Zhertvy “vnenakhodimosti.” *Voprosy literatury*, n. 6, pp.163–203, 2009.

MEDVEDEV, Iu. P.; MEDVEDEVA, D. A. Pavel Medvedev, Liudvik Flek, Mikhail Bakhtin i drugie (K teorii myslitel'nogo kollektiva). *Dialog. Karnaval. Khronotop* (special issue: *M.M. Bakhtin v kontekste mirovoi kul'tury*), n. 1-2 (2003), pp.200-233, 2003.

_____. The scholarly legacy of Pavel Medvedev in the light of his dialogue with Bakhtin. In: BRANDIST, C. et al. (Eds.). *The Bakhtin Circle*, 2004, pp.24-43.

_____. Krug M.M. Bakhtina kak “myslitel'nyi kollektiv”. *Zvezda*, n. 7, pp.194-206, 2006.

_____. Krug Bakhtina: khronograf [translation of Brandist, Shepherd and Tihanov 2004]. *Zvezda*, n. 7, pp.192-210, 2008.

MEDVEDEV, P. N. [Review of Fr. Nittsche [F. Nietzsche], *Avtobiografiia (Ecce homo)*, Translated from the German and with a Preface by Iu. M. Antonovskii. St Petersburg: *Protiv techeniia* 7, 1911.

_____. K teoreticheskomu obosnovaniiu neoimpressionizma. *Kniga Polia Sin'iaka. Novaia studiia*, n. 9, pp.14-15, 1912a.

_____. O Nadsone. *Dialog. Protiv techeniia*, n. 20, p.2, 1912b.

_____. Ob izuchenii Pushkina. *Bessarabskaia zhizn'*, n. 29 (January), 1917a.

_____. Russkii Brand. *Bessarabskaia zhizn'* (31 January), n. 2, 2003 reprint to mark the 110th anniversary of Medvedev's birth: *Dialog. Karnaval. Khronotop* (special issue: *M. M. Bakhtin v kontekste mirovoi kul'tury*), n. 1-2 (39–40), pp.193–199, 1917b.

_____. Khronika. *Iskusstvo* (Vítebsk), n. 1, p.23, 1921a.

- _____. O literaturnom nasledii Dostoevskogo. *Iskusstvo* (Vítebsk), n. 4-6, p.49, 1921b.
- _____. Umer Al. Blok. *Iskusstvo* (Vítebsk), n. 4-6, pp.2-3, 1921c.
- _____. Teatral'no-literaturnaia khronika. *Zhizn' iskusstva*, n. 33, p.4, 1922.
- _____. [Response to Institute for the History of the Arts questionnaire]. Rukopisnyi otdel IRLI (Pushkinskii Dom), f. 172, n. 550, l. 1, 1924.
- _____. *V laboratorii pisatel'ia*. Leningrad: Sovetskii pisatel', 1933.
- _____. *Formalizm i formalisty*. Leningrad: Izdatel'stvo pisatelei, 1934.
- _____. *Formal'nyi metod v literaturovedenii: Kriticheskoe vvedenie v sotsiologicheskuiu poetiku*. Ann Arbor, MI: University Microfilms, 1964 [1928].
- _____. The Formal (Morphological) Method, or scholarly Salieri-ism. Translated by Ann Shukman. In: SHUKMAN, Ann (ed.). *Bakhtin School Papers*. Oxford: RPT Publications, 1983 [1925], pp.51-65. (Russian Poetics in Translation, 10).
- _____. *The Formal Method in Literary Scholarship: A Critical Introduction to Sociological Poetics*. Translated by Albert J. Wehrle. Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 1985 [1928].
- _____. Russkii Brand. *Dialog. Karnaval. Khronotop* (special issue: *M.M. Bakhtin v kontekste mirovoi kul'tury*), n. 1–2, pp.39–40 and 193–99, 2003.
- _____. Tolstoi's *Diary*. In: BRANDIST, C. et al. (Eds.) *The Bakhtin Circle*, 2004 [1916], pp.188-92.
- _____. Outlines, in Russian and English, of lecture courses on the history of twentieth-century Russian literature, theory of poetry and prose, and theory of artistic creativity (1919–1920). In *Proceedings of the XII International Bakhtin Conference, Jyväskylä, Finland, 18–22 July 2005*. Jyväskylä: University of Jyväskylä, 2005 [1919–1920], pp.19–22 (Russian), pp.31–33 (English).
- _____. *Formaali metodi kirjallisuustieteessä: Kriittinen johdatus sosiologiseen poetiikkaan*. Translated and edited by Tapani Laine and Mika Lähteenmäki. Tampere: Vastapaino, 2007 [1928].
- _____. *La méthode formelle en littérature*. Translated and edited by Bénédicte Vauthier and Roger Comtet. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2008 [1928].
- MEDVEDEVA, D. A.; MEDVEDEV, Iu. P. "Iskusstvo i zhizn'—ne odno, no v predele ...". P.N. Medvedev. In: *Znamenitye universanty: Ocherki o pitomtsakh Sankt-Peterburgskogo universiteta*, vol. 2. St Petersburg: Izdatel'stvo Sankt-Peterburgskogo universiteta, 2002, pp.383–403.
- MIKHAILOV, A. I. Pokaiannoe vystuplenie P.N. Medvedeva na soveshchanii kriticheskoi seksii Leningradskoi assotsiatsii proletarskikh pisatelei (20 fevralia 1932 g.). Publikatsiia A.I. Mikhailova. In: MUROMSKII, V. P. (Ed.), *Iz istorii literaturnykh ob'edinenii Petrograda–Leningrada 1920–1930-kh godov: Issledovaniia i materialy*, kn. 2. St Petersburg: Nauka, 2006, pp.103-16.

MORSON, G. S. Two voices in every head. In: *New York Times Book Review*, 32 (10 February), 1985.

MUROMSKII, V. P. Literaturnye ob'edineniia 1917–1932 gg. v Rossii (Problemy izucheniia). In Muromskii, ed., *Iz istorii literaturnykh ob'edinenii Petrograda–Leningrada 1910–1930-kh godov: Issledovaniia i materialy*, kn. 1. St Petersburg: Nauka, 2002, pp.5–46.

NIKOLAEV, N.I. Commentary on Bakhtin's works of the 1920s grouped under the editorial title "On questions of methodology of the aesthetics of verbal creation" ["K voprosam metodologii estetiki slovesnogo tvorchestva"]. In: BOCHAROV, S. G.; NIKOLAEV, N.I. (Eds.). *M. M. Bakhtin, Sobranie sochinenii v semi tomakh*, vol. 1. *Filosofskaia estetika 1920-kh godov*. Moscow: Russkie slovari, 2003, pp.707–878.

PAN'KOV, N. A. Zashchita Makhlina (ogon', voda i mednye trubny perioda "liminal'nosti". *Dialog. Karnaval. Khronotop*, n.2, pp.134-136, 1998.

PAN'KOV, N.A. M. M. Bakhtin i teoriia romana. *Voprosy literatury*, n. 3, pp.252-315, 2007.

RODNIANSKAIA, I. B. Ob'ekt VL: chelovek slovesnyi. *Voprosy literatury*, n. 3, pp.95-112, 2007.

SEIFERT, Friedrich. C. G. Jungs Lehre von Unbewußten und den Archetypen. *Universitas*, n. IX/8, pp.867-77, 1954.

SERIOT, P.; FRIEDRICH, J. (Eds.). *Langage et pensée: Union Soviétique, années 1920–1930* Lausanne: Université de Lausanne, 2001. (*Cahiers de l'ILSL*, 24).

SHATSKIKH, A. S. *Vitebsk. Zhizn' iskusstva: 1917–1922*. Moscow: Iazyki russkoi kul'tury, 2001.

SHEPHERD, D. A feeling for history? Bakhtin and the problem of 'great time.' *Slavonic and East European Review*, n. 84/1, pp.32–51, 2006.

SKVOZNIKOV, V.D. Metod. In: NIKOLIUKIN, A.N. (Comp. and ed.). *Literaturnaia entsiklopediia terminov i poniatii*. Moscow: NPK "Intelvak," 2003, pp.534-36.

TAMARCHENKO, N.D. M. Bakhtin i P. Medvedev: Sud'ba "vvedeniia v poetiku." *Voprosy literatury*, n. 5, pp.160-84, 2008.

TITUNIK, I.R. Bakhtin and/or Vološinov and/or Medvedev: Dialogue and/or doubletalk? In: DOLEŽEL, L.; STOLZ, B. A.; TITUNIK, I. R. (Eds.). *Language and Literary Theory*. In Honor of Ladislav Matejka. Ann Arbor: University of Michigan, 1984, pp.535-64. (*Papers in Slavic Philology*, 5)

TIUPA, V. I. V poiskakh istoricheskoi estetiki (uroki M.M. Bakhtina). In: KONKIN, S.S. et al. (Eds.) *M. M. Bakhtin: Problemy nauchnogo naslediia. Mezhvuzovskii sbornik nauchnykh trudov*. Saransk: Izdatel'stvo Mordogskogo universiteta, 1992, pp.34-45.

_____. V poiskakh bakhtinskogo konteksta (*Zapiski Peredvizhnogo teatra*). *Diskurs*, n. 3–4, pp.189-208, 1997.

TURBIN, V.N. M.M. Bakhtin: Buenos-Aires-Kemerovo. *Literaturnaia Rossiia*, n. 5, p.8,

1989.

_____. Karnaval: Religiiia, politika, teosofiiia. In: MAKHLIN, V.L. et al. (Eds.). *Bakhtinskii sbornik* 1. Moscow: Prometei, 1990, pp.6-29.

VASIL'EV, N.L. Biograficheskii ocherk. In: IUNOV, D.A. (Comp. and ed.). V.N. Voloshinov, *Filosofiiia i sotsiologiiia gumanitarnykh nauk*. St Petersburg: Asta-Press, 1995, pp.5–22.

VOLOSHINOV, V. N. Archival materials. In: BRANDIST et al. (Eds.). Manchester and New York: Manchester University Press. *The Bakhtin Circle*, 2004 [1927–1928], pp.223–50.

_____. Opyt sotsiologicheskoi poetiki/An essay in sociological poetics. Published as supplement to Brandist, Craig. 2008. Sociological linguistics in Leningrad: the Institute for the Comparative History of the Literatures and Languages of the West and East (*ILJaZV*), 1921–1933. *Russian Literature* LXIII/II/III/IV, 171-200 (Russian 190-192; English 193-95), 2008 [1925–1926].

WEHRLE, A. J. A note on the translation. In: BAKHTIN, M.M./MEDVEDEV, P.N. *The Formal Method in Literary Scholarship: A Critical Introduction to Sociological Poetics*. Translated by Albert J. Wehrle. Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 1985, p.xxv-xxvi. [1928].

ZAKHAROV, V.N. [Response to questionnaire]. *Dialog. Karnaval. Khronotop*, n. 1, p.10, 1994.

_____. Problema zhanra v “shkole” Bakhtina (Bakhtin, Medvedev, Voloshinov). In: *The XII International Bakhtin Conference. Jyväskylä*, July 18-22 2005. Programme 58, 2005.

ZAKHAROV, V.N. Problema zhanra v “shkole” Bakhtina. *Russkaia literatura*, n.3, pp.19-30, 2007.

ZDOL'NIKOV, V.V. Koleblemye trenozhniki zhretsov. *Dialog. Karnaval. Khronotop*, n. 3, pp.174-191, 1998.

ZEMLIANOI, S. Chto takoe ezotericheskii marksizm? “Zolotye 20-e” v tvorchestve Bakhtina i ego shkoly. *Ex libris NG* (28 January), 1999.

ANEXOS⁸¹

P. N. Medviédev: Resenhas de 1911 e 1912⁸²

LANSON. G. *Metod v istorii literatury. [Método em História Literária]* Traduzido do francês com um posfácio de M. Gershenzon. Moscow, 1911⁸³.

Temos examinado a literatura de diversos modos. Para nós ela tem sido um lugar sagrado para servir à sociedade, uma beleza sem valor, a fonte de impulsos heroicos e sinceros e, finalmente (a mais profunda das definições “científicas”), uma combinação de produtos verbais nos quais a vida espiritual de um povo encontra expressão. Mas a literatura enquanto o segredo da especulação artística, oh, acima de tudo é assim que nós buscamos compreendê-la.

História da literatura? Entre as coisas que entraram para essa história estão compilações de biografias de escritores, caracterizações das personagens literárias e a história do pensamento social na medida em que se manifestou na palavra artística. Mas a história da literatura como ciência, ou ao menos enquanto uma disciplina “quase-ciência”, com fronteiras de temas precisos e seu próprio método, é algo que começou a ser levado em consideração somente em anos recentes, graças à influência dos trabalhos da escola de Potebnia e de Veselovski.

Este pequeno livro de Lanson e Gershenzon é importante simplesmente por isso: por colocar e tratar, de um modo harmonioso, todas essas questões: Lanson oferece um conceito geral de método e um esquema para seu uso exemplar, enquanto Gershenzon, em seu excelente posfácio, oferece uma reavaliação das visões comumente aceitas em relação à essência e aos propósitos da história da literatura. Certamente eles não fazem isso

⁸¹ As três resenhas foram publicadas primeiramente em *Protiv techeniia [Contracorrente]*, um suplemento do periódico *Svobodnym khudozhestvam [Para a Arte Livre]*, n. 7, pp.3-4, 1911.

⁸² N.E: Esta é uma versão em português dos textos traduzidos para o inglês por David Shepherd, 2010.

⁸³ O título russo do primeiro livro resenhado é *Metod v istorii literatury*; o original francês é *La méthode de l'histoire littéraire*, publicado na *Revue du Mois*, p.385-413, 10 de outubro de 2010.

exaustivamente: Lanson, por exemplo, lida muito apressadamente com as relações entre a literatura e a vida e vice-versa, enquanto Gershenzon deixa sem exame uma questão fundamental: como é possível para a história da literatura elucidar a essência e o crescimento da intuição artística se esse é por ora um termo que meramente não expressa os pontos principais de uma compreensão estritamente científica do conceito, e se seu desenvolvimento é um mero postulado ou hipótese? Ademais, não é possível concordar com todas as posições desenvolvidas, especialmente por Lanson. Apesar disso, o livro é, sem dúvida, valioso, e uma excelente aquisição para nossa biblioteca tão escassa de livros sobre metodologia da história da literatura.

NIETZSCHE. F. *Autobiografia (Ecce homo)*. Tradução do alemão e com um prefácio de Iu. M. Antonovskii. São Petersburgo, 1911⁸⁴.

“Quem sabe respirar o ar de meus escritos”, escreveu Nietzsche, “sabe que é um ar das alturas, um ar *forte*. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar”⁸⁵.

O recente período do nietzschianismo na Rússia foi justamente esse resfriado. É por isso que em nosso país esse grande filósofo ou não foi bem compreendido ou foi igualado a algumas formulas básicas de egoísmo aristocrático.

Agora é momento de reparação, tempo para um claro e profundo exame das verdades cujo proclamador foi Nietzsche.

Com esse propósito, é essencial *estudar* sua filosofia, para o que é indispensável o livro em resenha.

⁸⁴ O título russo do segundo livro resenhado é *Avtobiografiia (Ecce homo)*. As citações no primeiro parágrafo são de Friedrich Nietzsche, *Ecce Homo*. Em inglês, a citação de Nietzsche no primeiro parágrafo encontra-se em: NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: How One Becomes What One Is*. In: *On the Genealogy of Morals*. Trans. by Walter Kaufmann and R. J. Hollingdale. New York: Vintage Books, 1969, pp.215–344 (218, Prefácio).

⁸⁵ N.T. Citação conforme a obra publicada em língua portuguesa pela Companhia de Bolso: NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

Aqui e somente aqui, Nietzsche leva em consideração seus ouvintes e, descendo do topo da montanha onde Zaratustra havia pregado, explica-lhes seu fardo e sua significação simbólica.

A *Autobiografia* é, portanto, um prolegômeno à filosofia de Nietzsche, a melhor, e virtualmente a única, fonte que nos permite conhecer seu sentido verdadeiro. A tradução de Antonovskii é boa, e perfeitamente literária.

**SIGNAC, Paul. *De Eugène Delacroix ao Neo-Impressionismo*. Tradução do francês e com uma introdução de I. Dudin. Moscú: I. Knebel', 1912⁸⁶
⁸⁷.**

Sobre a fundamentação teórica do neoimpressionismo

Se para nós o neoimpressionismo é a última palavra em revelação artística, e se a pintura russa tem ainda que ultrapassar sua estrutura/sistema, no Ocidente e, em particular na França, esse movimento já viveu seu período de *Sturm und Drang* e, irrecuperavelmente, entregou ao passado os anos esplêndidos de sua juventude quando as recentes novidades do neoimpressionismo encantaram e atraíram fortemente os mais ousados e brilhantes corações.

Nos últimos vinte anos, uma corrente turbulenta e voraz de interrogações [artísticas] surgiu com novos propósitos; as novas escolas dos futuristas e o cubismo emergiram e cresceram com força, e na vida do neoimpressionismo se assentou uma fase quase “acadêmica” de calma e imobilidade. Em tais momentos, o que surge, geralmente, é um

⁸⁶ A resenha foi publicada no periódico de Petrogrado *Novaia studiia* (*Novos estudos*), n. 9, pp.14-15, 1912.

⁸⁷ O título russo do livro resenhado é Pol' Sin'iak, *Ot Ezhená Delakrua k neoimpressionizmu*. Do original francês: SIGNAC, P. *D'Eugène Delacroix au Néo-Impressionisme*. Paris: Henri Flour, [1911]. Da tradução inglesa: *From Eugène Delacroix to Neo-Impressionism*. 3.ed. Paris: H. Floury, Bookseller and Publisher, 1, Boulevard des Capucines, 1, 1921. Tradução de Willa Silverman. In: RATLIFF, F. *Paul Signac and Color in Neo-Impressionism*. New York: The Rockefeller University Press, 1992, p.193-285. As páginas referenciadas no texto são da edição russa, francesa e inglesa (a exceção das citações de Delacroix, que foram extraídas do livro de Signac, as quais Medviédev não deu as páginas de referência na sua resenha; aqui as referências são das edições francesas e inglesas).

direcionamento aos fundamentos teóricos de uma escola, um direcionamento para estabelecer os objetivos da intuição criativa em um cânone preciso e claro.

E o neoimpressionismo, seguindo esta lei, recebeu tal sustentação apenas no início deste século em *De Eugène Delacroix ao Neoimpressionismo*, de Paul Signac, que acaba de aparecer no mercado de livros russo em uma tradução perfeitamente decente de I. O. Dudin. A publicação desse livro é um acontecimento suficientemente significativo para chamarmos a atenção de nossos leitores para ele. Esquemáticamente, toda a história da pintura francesa no século XIX pode ser apreciada como uma luta entre duas escolas que se desenvolvem paralelamente: o academicismo, iniciado com David e Ingres, e a escola romântica, a escola da investigação livre, cujos membros, começando com Delacroix, foram sempre renegados, proscritos na atmosfera cinza dos *salons* parisienses. Nesta segunda escola, não é difícil identificar o *slogan* que une todos os seus seguidores, a fervorosamente desejada “*Cumas brilhante*”⁸⁸ pela qual o zelo deles ardia. Esse zelo pode ser expresso como um impulso tímido para dar cor à vida, para colocar no seu organismo esvaziado o máximo de sangue e paixão ou – se levarmos em conta o enorme paralelismo entre cor e som – para fazer a cor ressoar, cantar. Esse impulso, intensificado em cada nova década, deu ao poderoso Corifeu do coro dos românticos, Delacroix, uma afinidade com aqueles representantes do realismo estrito, os neoimpressionistas Seurat e Signac; e o último fez algo muito bom em seu livro, ao tentar demonstrar e reforçar esta conexão de uma maneira mais completa.

Não apenas aqui na Rússia, mas também em outros países, referem-se às vezes ao neoimpressionismo como *pontilhismo*; assim sendo, sua maior característica construtiva parece se encontrar na técnica de pintar em pequenos e multicoloridos pontos.

Mas, desde as primeiras páginas de seu estudo, Signac mostra como esse olhar é estreito e impreciso:

⁸⁸ Há aqui uma referência ao poema do poeta simbolista Valerii Briusov, “Dédalo e Ícaro” (“Dedal I Ikar”, 1908), no qual Dédalo recomenda a seu filho que não voe tão próximo nem do mar nem do sol, para que eles possam chegar a seu destino, “Cumas brilhante [lit. branca]”. No livro 6 da *Eneida*, Virgílio diz que foi em Cumas, na casa da Sibila em Cumas, que Dédalo, em seguida à perda de Ícaro, dedica o templo a Apolo. Em outras versões da história, o lugar do templo é a Sicília. Ver o verbete da Wikipédia sobre Dédalo: <http://en.wikipedia.org/wiki/Dedalo> (Acessado em 01 set. 2015).

O Neoimpressionista não pinta com *pontos*; ele *divide*.

A *divisão* é um meio de:

Garantir todos os benefícios da luminosidade, cor e harmonia pela:

1. *A mistura óptica de pigmentos unicamente puros (todos os matizes do prisma e todos os seus tons);*
2. *A separação de diversos elementos (cor local, cor da luminosidade, suas reações, etc.);*
3. *O equilíbrio e proporção desses elementos (de acordo com as leis de contraste, gradação e irradiação);*
4. *A escolha de uma pincelada que caiba no tamanho da pintura (p.14-15; 5-6; 207).*

Assim sendo, vemos que o neoimpressionismo não pode ser igualado a uma técnica isolada; ele é uma teoria científica completa do melhor uso dos materiais de pintura: tintas, telas, mas também os planos da pintura; é uma escola completa que se coloca a tarefa de criar harmonia a partir da escala cromática do espectro solar.

E é admirável como esta é a mesma tarefa que ocupou e exerceu Delacroix, cujos melhores impulsos foram direcionados para atingir precisamente tal estilo “solar”. Para a prova mais minuciosamente detalhada e irrefutável disso, indicamos aos nossos leitores o livro de Signac, restringindo-nos aqui a um único e justo excerto do diário de Delacroix:

“Natureza”, ele escreveu, “é apenas um dicionário, onde alguém procura as palavras... onde alguém encontra os elementos com os quais constrói uma sentença ou história; mas ninguém alguma vez considerou ser um dicionário uma composição, no sentido poético da palavra” (19/217).

Mais tarde: [214]. “o estilo só pode alcançar resultados com pesquisa e experimento meticolosos” (p.14; 214).

O próprio Delacroix, é claro, estava completamente envolvido com essas questões; e ele as respondeu por meio da descoberta de seu gênio. Artistas subsequentes, que tiveram vínculos de sangue com Delacroix, buscaram dar à sua pesquisa e experimento um ritmo sistemático e uma forma científica. Assim, Jongkind, e depois dele os impressionistas, liderados por Monet e Renoir, começou a fazer um uso prolífico do óptico mais do que da mistura de pigmentos e estabeleceu, em sua palheta, os seis tons puros do espectro solar. Finalmente, restou aos neoimpressionistas realizar um último gesto: colocar a mistura de pigmentos de lado, substituindo-a pela mistura óptica, e introduzir o toque de divisão “que

preenche o tamanho da pintura” – completando o movimento do uso sombreado por Delacroix para o pequeno *ponto* ou pingo de cor.

Nesse sentido, Signac formula a progressão e resultados de sua evolução:

DELACROIX. *Repudiando todas as cores sem brilho e usando gradação, contraste e mistura óptica, ele consegue, ao desenhar a partir dos elementos de tons atenuados particularmente disponíveis, um máximo de brilho, cuja harmonia é garantida por uma aplicação sistemática das leis que governam as cores.*

IMPRESSIONISMO. *Compondo sua palheta apenas das cores puras, obtém um resultado muito mais brilhante e colorido do que aquele de Delacroix; mas o brilho desse resultado é diminuído pelas misturas manchadas de pigmentos, e sua harmonia é limitada por uma aplicação intermitente e irregular das leis que governam as cores.*

NEOIMPRESSIONISMO. *Com a eliminação de todas as misturas manchadas, o uso exclusivo da mistura óptica de cores puras, uma divisão metódica e o respeito pela teoria científica das cores, asseguram o máximo de brilho, cor e harmonia, um resultado que não havia sido atingido anteriormente (p.128–129; 92; 267).*

Suas cores estão situadas no meio de um raio, o qual, em um círculo cromático, vai do centro branco à circunferência preta. E deste lugar, é dotado de plena saturação, poder e beleza (SIGNAC, p.162–163;116;284).

Esse estabelecimento de princípios compartilhados do neoimpressionismo e sua conexão visceral e forte com os grandes e valorosos nomes do passado concluem a mais importante, por vezes brilhante, parte do livro de Signac. A parte subsequente, dedicada a uma detalhada análise da *divisão* e da educação artística do olhar, é uma compilação/reprodução/cópia de doutrinas contemporâneas de psicologia e de óptica.

E assim o neoimpressionismo está fundado e não se pode duvidar da correção e aplicabilidade de sua teoria. Mas, primeiramente, o neoimpressionismo não provou na prática que ele e somente ele atinge “plena saturação, poder e beleza”. Mas em arte, tais provas “pragmáticas” são o único critério da verdade autêntica; segundo, o neoimpressionismo não é uma doutrina ou cânone capaz de se tornar uma *ratio scripta* para o artista, mas meramente um conjunto prático de princípios e informação. A forma tem uma importância grande, é claro, e, sem dúvida nenhuma, o artista é obrigado a conhecer as leis de seu material. Mas tudo isso, como a doutrina da poética científica de René Guille e de Velerii Briusov, constitui, por assim dizer, o nível mais baixo da magia criativa. Acima e

abaixo, há o “prazer” tolstoiano que se perdeu na vida de Protasov⁸⁹, há o turbilhão de um indivíduo alçando voo, de um embriagado alcançando o céu, com o qual qualquer arte grande e verdadeira é abençoada.

Traduzido por Geraldo Tadeu Souza– geraldot.souza@uol.com.br

Recebido em 27/08/2015

Aprovado em 11/10/2015

⁸⁹ A referência aqui é a peça *O cadáver vivo* (*Zhivoi trup*, c. 1900, mas publicado somente após a sua morte, em 1910), de Lev Tolstói, onde Protasov, o protagonista, explica sua infidelidade, referindo-se à perda de “prazer” em seu casamento.